



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

NATHALIA DOS SANTOS LUSTOSA

**OFICINAS DE EXPERIMENTAÇÃO, LEITURA E ESCRITA:
UMA ATIVIDADE SOCIAL EM MEIO À PANDEMIA**

Tocantinópolis/TO
2022

NATHALIA DOS SANTOS LUSTOSA

**OFICINAS DE EXPERIMENTAÇÃO, LEITURA E ESCRITA:
UMA ATIVIDADE SOCIAL EM MEIO À PANDEMIA**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Pedagogia para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Janaína Ribeiro de Rezende.

Tocantinópolis/TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

L972o Lustosa, Nathalia dos Santos.
 OFICINAS DE EXPERIMENTAÇÃO, LEITURA E ESCRITA: UMA
 ATIVIDADE SOCIAL EM MEIO À PANDEMIA . / Nathalia dos Santos
 Lustosa. – Tocantinópolis, TO, 2022.
 67 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Pedagogia, 2022.

Orientadora : Janaina Ribeiro de Rezende

1. Educação. 2. Experimentação. 3. Leitura. 4. Escrita. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

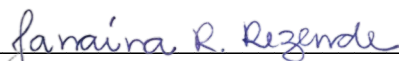
NATHALIA DOS SANTOS LUSTOSA

OFICINAS DE EXPERIMENTAÇÃO, LEITURA E ESCRITA: UMA ATIVIDADE SOCIAL EM MEIO À PANDEMIA

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins – Campus
Universitário de Tocantinópolis, Curso de Pedagogia
para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia e
aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela
Banca Examinadora.

Data de aprovação: 11/07/2022

Banca Examinadora



Prof.^a Dr.^a Janaina Ribeiro de Rezende - UFT (orientadora)



Prof. Dr. Raimundo Nonato de Pádua Cância - UFT (Examinador)



Prof. Dr. Felipe Ferreira Joaquim (Examinador)



Prof. Me. Rafael Caetano do Nascimento (Examinador)

Tocantinópolis, 2022

*Dedico este trabalho à minha mulher
maravilha, minha avó Leonora Dias dos
Santos, uma mulher guerreira e batalhadora,
que fez história, e sempre fará parte de mim
em minhas memórias.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me guiado e me abençoado nessa trilha, por ter me dado forças para concluir este ciclo de minha vida.

Agradeço a minha mãe Marilene Dias Dos Santos por não medir esforços, sempre me impulsionando, sendo minha fortaleza em momentos de desespero, que foram muitos, a toda minha família que, mesmo de longe, me ajudaram com palavras.

Ao meu pai Antonio Jose Alves Lustosa, por todo apoio e ajuda que me deu, durante essa caminhada.

Aos professores Felipe Ferreira Joaquim e Rafael Caetano do Nascimento, por me proporcionarem essa experiência dos ciclos, por desenvolverem esse trabalho, tão importante, em especial ao professor Nascimento por ter me proposto fazer este TCC a partir das oficinas, muito obrigada, foi o melhor conselho que poderia ganhar.

Aos amigos que se tornaram minha família: Maisa Marinho, Joselia Marinho, Bianca Lima, que se tornaram minhas irmãs, minhas conselheiras e companheiras; Sthefanny Lourranny, Luiza Isa, minhas companheiras de sala, sempre me ajudando e auxiliando; Poliene Carvalho e Larissa Ribeiro têm um espaço no meu coração, me impulsionaram a não desistir e me deram força no momento de perda, Yasmin Correia e sua avó, me ajudaram muito com sua bondade; Thales Gonçalves, meu rival de sala, que se tornou confidente; Eliomaik Barros, melhor vizinho e conselheiro; Ivan, meu companheiro Pibidiano, sempre paciente; Rosilene Apinaje, Elisangela e Wesley, que me mostraram a cultura indígena de outra forma, palavras e crenças; Gilmar Sousa, o amigo que a dança me deu, fez parte de um projeto incrível comigo; Anita Pires, conselheira, e a todos meus colegas de classe e amigos que adquiri na academia, que me fizeram crescer como pessoa e como profissional.

Dona Artemisa Santos, meu porto seguro em muitos momentos, uma amiga cuidadosa e bondosa.

Layla de Sousa Milhomem, uma pessoa extremamente bondosa que me cedeu seu lar, amiga e conselheira, esse ato de solidariedade me fez permanecer e não desistir.

A todo corpo docente da UFT, em especial, a minha orientadora, Janaína Ribeiro de Rezende, que caminhou junto comigo neste trabalho, não me deixando desanimar, ficando ao meu lado me incentivando e orientando a trilhar nas entrelinhas deste trabalho, aos demais professores que compartilharam comigo suas bagagens de experiências, conhecimentos e paciência, me mostraram que a educação é o melhor caminho e que ela pode mudar o mundo de alguém, pois ela mudou o meu.

“Bendito seja eu por tudo quanto não sei. / É
isso tudo que verdadeiramente sou” (PESSOA,
2005, p. 52).

RESUMO

O presente trabalho traz como elemento central de reflexão a experimentação como recurso pedagógico, a partir das oficinas de leitura e escrita em que fui participante, que ocorreram em meio à pandemia de Covid-19. A discussão do tema vem da necessidade de compreender a experimentação como metodologia dos oito ciclos de oficinas de leitura e escrita, organizados pelos professores Felipe Ferreira Joaquim e Rafael Caetano do Nascimento, por meio de cursos de extensão da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Dessa maneira, pretendemos entender como desenvolver e executar a experimentação como recurso pedagógico, de modo a garantir um melhor desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem, além de estimular a leitura e a escrita, respeitando as individualidades de cada sujeito. Metodologicamente o trabalho está pautado na realização de uma pesquisa narrativa, com base nos procedimentos de pesquisa bibliográfica e documental. O ponto de partida da pesquisa foram as experiências, vividas e contadas na minha participação em oito ciclos de oficinas. A partir delas, busquei subsidiar as reflexões por meio de livros e artigos que abordam a temática experimentação, palavra, leitura e escrita, observando aspectos que possibilitem a discussão do tema proposto, a exemplos dos estudos de Larrosa (2002) e Freire (1989). Além disso, foi possível registrar a realização dos ciclos de oficinas e refletir sobre eles por meio do estudo dos cadernos das oficinas, produzidos pelos participantes de cada ciclo. Assim, identificamos que a experimentação pode ser usada como uma metodologia de ensino, a fim de desenvolver diferentes dimensões da vida e valorizar as vivências e trajetórias de cada pessoa no processo educativo. Dessa forma, destaco que a realização das oficinas durante o período da pandemia foi uma maneira de proporcionar o prazer da leitura e da escrita, além do compartilhamento de conhecimento.

Palavras-chaves: Experimentação. Leitura. Escrita. Intersubjetividade. Partilha de Saberes.

ABSTRACT

The present work brings as a central element of reflection the experimentation as a pedagogical resource, from the reading and writing workshops in which I participated, which took place in the midst of the Covid-19 pandemic. The discussion of the theme comes from the need to understand experimentation as a methodology of the eight cycles of reading and writing workshops, organized by professors Felipe Ferreira Joaquim and Rafael Caetano do Nascimento, through extension courses at the Federal University of Tocantins - UFT. In this way, we intend to understand how to develop and execute experimentation as a pedagogical resource, in order to guarantee a better development in the teaching-learning process, in addition to stimulating reading and writing, respecting the individualities of each subject. Methodologically, the work is guided by carrying out a narrative research, based on bibliographic and documental research procedures. The starting point of the research was the experiences, lived and told in my participation in eight cycles of workshops. From them, I sought to subsidize the reflections through books and articles that address the theme of experimentation, words, reading and writing, observing aspects that allow the discussion of the proposed theme, as in the studies of Larrosa (2002) and Freire (1989) . In addition, it was possible to record the realization of the workshop cycles and reflect on them through the study of the workshop notebooks, produced by the participants of each cycle. Thus, we identified that experimentation can be used as a teaching methodology, in order to develop different dimensions of life and value the experiences and trajectories of each person in the educational process. In this way, I emphasize that holding the workshops during the pandemic period was a way to provide the pleasure of reading and writing, in addition to sharing knowledge.

Key-words: Experimentation. Reading. Writing. Intersubjectivity. Knowledge Sharing.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1. Objetivos	13
1.2. Procedimentos Metodológicos	14
2 O CAMPO EXTRAORDINÁRIO DA EXPERIMENTAÇÃO COMO RECURSO PEDAGÓGICO	17
3 CAMINHOS QUE ME FIZERAM CHEGAR AQUI	26
4 ANUNCIAÇÃO: uma nova descoberta a cada encontro	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	63

1 INTRODUÇÃO

Caros leitores e leitoras, esta pesquisa decorre de minha participação em uma ação de extensão realizada pelos professores substitutos do curso de Pedagogia, Felipe Ferreira Joaquim e Rafael Caetano do Nascimento¹, no campus de Tocantinópolis da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Os professores organizaram oito ciclos de oficinas de experimentação, leitura e escrita, que ocorreram durante sete meses, com início em 10 de agosto de 2020 e seguindo até 15 de julho de 2021. As oficinas tinham como proposta a leitura e escrita como experimentação. Os ciclos de oficinas convidavam os participantes à imersão na experiência, provocando uma leitura e escrita criativa, através de imagens, músicas, textos, vídeos e proposta de temas, que estimulavam o processo criativo de forma libertadora.

A cada ciclo, os professores organizadores traziam um ou dois convidados, que contribuíram para as atividades das oficinas, propunham imagens ou vídeos que possuíam relação com sua vida profissional ou pessoal, como proposta para a criação das produções textuais. Os encontros aconteciam de forma totalmente virtual, através da plataforma *Google Meet*. O primeiro ciclo aconteceu às segundas e quintas-feiras, totalizando seis encontros, com duração de duas horas cada um, e contemplou apenas discentes da UFT. A partir do segundo ciclo, as oficinas foram abertas ao público em geral, pessoas que sentiam vontade em participar das oficinas de experimentação. Os encontros passaram a ocorrer às quintas-feiras, das 20h às 22h, e cada ciclo teve duração de quatro encontros.

Para participar dos ciclos, os interessados deveriam se inscrever na plataforma de eventos da UFT, disponibilizada via *link* pelos organizadores nas redes sociais. Pessoas de quase todas as regiões do Brasil participaram das oficinas e receberam certificado.

Nas oficinas, não havia um padrão exigido de escrita, nossa criatividade era o limite para criação dos textos, nossos sentimentos eram externados pelo poder da palavra escrita e da palavra falada. A dinâmica em cada ciclo e encontro se refazia; além disso, eram abordados diferentes temas, o que possibilitava que cada encontro se tornasse um grande universo de construção do eu-leitor e eu-escritor, contribuindo com a formação de novos saberes.

As oficinas não eram ministradas em forma de curso, os professores organizadores não levavam um modelo de escrita para ser seguido, não eram discutidos gêneros textuais, nem a

¹ Felipe Ferreira Joaquim foi professor substituto da UFT de agosto de 2019 a julho de 2021 e Rafael Caetano do Nascimento, de fevereiro de 2019 a fevereiro de 2021.

melhor forma de escrever ou interpretar textos. Os participantes eram provocados a escrever e partilhar.

A maior parte dos encontros acontecia da seguinte forma: os professores organizadores dos ciclos elaboravam uma proposta de escrita sobre determinado tema, enviavam uma orientação provocadora com músicas, vídeos e textos, que eram compartilhados via grupo de *WhatsApp* no fim de semana, antes do próximo encontro. Assim, os participantes dos ciclos tinham até o encontro seguinte para escrever e partilhar os textos criados via mensagem de texto pelo grupo da rede social ou socializá-los durante a oficina.

A proposta da ação, segundo um artigo publicado pelos organizadores dos ciclos Joaquim, Nascimento e Ruidiaz, (2016, p. 2), é que as oficinas têm uma dinâmica voltada para o estímulo da criação, como a seguir demonstram

refere-se a uma oficina de caráter prático – produtivo, inventivo –, cujas dinâmicas consistem na elaboração de textos, imagens e ações que afluem discussões em torno dos modos de existências articuladores das dimensões éticas, políticas e estéticas do real

Foi exatamente isso que ficou perceptível nos ciclos de oficinas de 2020 e 2021, a partir do que experimentei enquanto participante. As dinâmicas propostas pelos organizadores envolviam o grupo, afluíram as discussões antes, durante e após a finalização de cada ciclo.

Nas oficinas, foi possível experimentar a interação de culturas entre pessoas de diversos lugares, com perspectivas distintas, que compartilhavam vivências a partir da escrita. A cada encontro era uma nova experiência, tanto ao escutar, quanto ao ler, o que proporcionava o processo criativo de cada indivíduo ser partilhado, na imensidão existente em cada um.

Assim, o problema de pesquisa parte da pergunta: Como o ato de ler e escrever na perspectiva da experimentação durante os ciclos de oficinas, desenvolvidos no contexto de pandemia da Covid-19, contribuiu com o estímulo do processo criativo e na troca intersubjetiva de conhecimentos?

Sendo assim, a seguir os objetivos e procedimentos metodológicos da pesquisa serão apresentados.

1.1. Objetivos

Objetivo Geral

A pesquisa visa registrar e refletir sobre a realização das Oficinas de Experimentação, Leitura e Escrita, de modo a considerar seus métodos como recursos pedagógicos em diferentes contextos.

Objetivos Específicos

Para a realização da pesquisa traçamos os seguintes objetivos específicos:

- a) Compreender os conceitos e a fundamentação teórica que embasam a realização das Oficinas de leitura e escrita, partindo da compreensão sobre experimentação e intersubjetividade.
- b) Caracterizar os Ciclos de Oficinas, a fim de quantificar o número de ciclos, de encontros, os períodos, identificar os convidados, os temas, os participantes, de modo a registrar essas experiências.
- c) Refletir sobre as Oficinas através das produções feitas, por meio das propostas geradoras da criação literária e do desenvolvimento da escrita. Desse modo, buscamos ilustrar o processo a partir das criações produzidas nos ciclos, a fim de discutir sobre as contribuições da participação nas oficinas para desenvolver diferentes dimensões da vida, como: a interpretação de textos, o prazer da leitura e da escrita.

1.2. Procedimentos Metodológicos

Caros leitores e leitoras, esta pesquisa teve como um de seus procedimentos metodológicos a pesquisa narrativa, pois “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 18 apud SAHAGOFF, 2015, p. 1). E é isto que estou fazendo: revivendo os ciclos de oficinas através da leitura, de outra perspectiva, agora, enquanto pesquisadora.

Dessa forma, produzo uma escrita autobiográfica de uma história que eu fiz parte. muito além de contar esta experiência, eu a vivi, portanto, ~~eu~~ posso refletir sobre essas experiências vividas. E quantas reflexões, caros leitores e leitoras, ~~eu~~ fiz ao reviver estas oficinas, experienciando novas formas de ver o mundo ao construir esse trabalho.

O processo de composição de significados pode provocar uma reflexão profunda e contínua, pela qual o pesquisado não só compreende e interpreta o material documentário de sua pesquisa, como também questiona e reflete sobre sua vida, seu papel como pesquisador e sua forma de ver o mundo. (MELLO, 2015, p. 5. apud SAHAGOFF, 2015.)

As composições feitas através da pesquisa narrativa presente neste trabalho foram adquiridas por meio das experiências por mim vivenciadas nestes ciclos de oficinas, o que me fizeram pensar e refletir sobre o meu processo formativo, como bem relatada a citação abaixo:

A pesquisa narrativa é um estudo da experiência como história, assim, é principalmente uma forma de pensar sobre a experiência, que pode ser desenvolvida apenas pelo contar de histórias, ou pelo vivenciar de histórias. A narrativa é o método de pesquisa e ao mesmo tempo o fenômeno pesquisado. (SAHAGOFF, 2015, p. 6).

Este estudo teve também como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica, que, de acordo com Gil (2002, p. 44): “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Esta etapa baseou-se em artigos publicados pelos desenvolvedores do projeto, Felipe Ferreira Joaquim e Rafael Caetano do Nascimento, relacionados aos ciclos, além de se fundamentar em estudos de: Larrosa (2002), sobre a experimentação e a sua importância pedagógica; Paulo Freire (1989), que refletiu sobre a autonomia, a liberdade e o compartilhamento de conhecimento, já que ele entende que o processo de ensinar e aprender se dá em coletividade; Jussara Hoffman (2005), que possibilitou um olhar avaliativo do meu processo de aprendizado, desde o ensino médio à graduação; Toassa (2013), na reflexão sobre a importância do papel criador no processo de ensino aprendizagem, bem como outros. Todos estes autores e autoras fizeram parte de minha trajetória acadêmica e contribuíram para o meu processo de aprendizagem.

Além disso, realizei uma pesquisa documental sobre os ciclos das oficinas, partindo de informações sobre as inscrições, dos cartazes de divulgação, dos temas trabalhados em cada um e dos cadernos de registros com textos produzidos pelos participantes. Essa pesquisa partiu desses dados, de modo que muito mais que narrar as experiências adquiridas por mim, visei mostrar um pouco de nossas criações coletivas, a partir do encontro, de forma a representar as experiências vividas no decorrer dos ciclos.

A cada oficina eram produzidos textos individuais e coletivos. Ao final de cada ciclo, as escritas eram compiladas em um caderno, com registro de todos os encontros, que serviam de memória das criações. Nesse sentido, mesmo os textos individuais não eram identificados, já que a oficina não se preocupava com a autoria, entendendo que muitos processos criativos aconteciam de forma compartilhada. Os cadernos eram socializados com os participantes ao final de cada ciclo, mas não foram publicados. Como eu participei dos oito ciclos, tive acesso

a todos os materiais e solicitei autorização aos organizadores das oficinas, para que pudesse estudar os registros dos ciclos, incluindo os cadernos de textos.

Dessa forma, para ilustrar cada ciclo, foram escolhidos trechos de criações, disponíveis no caderno de textos, para que os leitores e leitoras deste trabalho possam conhecer as produções realizadas a partir dos encontros das oficinas de leitura e escrita. Dessa maneira, espero que as oficinas sejam compreendidas pela visão criativa dos outros participantes dos ciclos, partindo deste olhar “experimental”.

Caros leitores e leitoras, o trabalho está organizado em quatro seções, além da presente Introdução. No segundo capítulo deste trabalho, intitulado como “O campo extraordinário da experimentação como um recurso pedagógico” que apresenta a fundamentação teórica deste trabalho, em que consta a experimentação como um recurso pedagógico e porque o mesmo é importante para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do ser humano, além de trazer reflexões sobre o poder que a palavra tem na construção da identidade do sujeito. Logo em seguida, o terceiro capítulo intitulado “Caminhos que me fizeram chegar aqui”, eu conto minha trajetória como leitora, desde aos anos iniciais, até adentrar na universidade. Nele, estão as pessoas que fizeram e fazem parte da construção de minha identidade, nele também tem o motivo pelo qual escolhi este tema, partindo das minhas experiências de vida. Na sequência, temos o quarto capítulo, “Anúnciação: uma nova descoberta a cada encontro”. Neste item, consta a apresentação de cada ciclo de oficinas, a proposta de algumas escritas desenvolvidas, bem como as produções realizadas pelos participantes. Este é o capítulo que ilustra a experimentação em sua prática pedagógica. O quinto e último capítulo deste trabalho, as “Considerações finais”, arremata que a experiência pode estar presente no ambiente de aprendizado e ser usada como um recurso pedagógico, como forma de vivenciar a experimentação.

2 O CAMPO EXTRAORDINÁRIO DA EXPERIMENTAÇÃO COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Caros leitores e leitoras, apresento este capítulo falando um pouco do que é a experimentação, uma palavra tão falada no decorrer deste trabalho, que foi um dos motivos que me impulsionou na escolha deste objeto de estudo, que também é importante para se entender a proposta de realização das oficinas de leitura e escrita que tratamos nesta pesquisa. Comprendemos que esse recurso pode auxiliar os professores a estimular o processo criativo de seus alunos, através de oficinas de experimentação, usando as experiências resultantes desse processo como uma metodologia de ensino.

O nosso processo de aprendizagem se inicia desde muito cedo, antes mesmo de aprendermos a ler e escrever já estamos aprendendo com o mundo, experimentando sensações, descobrindo a partir destas experimentações vivenciadas. Por exemplo, ao comer algo novo, experimentamos a textura, o cheiro, o sabor, o barulho ao se mastigar um alimento desconhecido, sensações que nos ensinam muito. Vivemos a experimentação a todo momento, o que pode acontecer de forma quase imperceptível. Entretanto, para que este campo da experimentação tenha bons resultados, é necessário que o indivíduo que esteja experienciando, tome consciência e avalie o que se passa, pois:

O pesquisador necessita dos conhecimentos da técnica experimental para: planejar, executar, avaliar, analisar e interpretar os resultados dos experimentos. Por outro lado, o técnico, usuário dos resultados da pesquisa, deve conhecer a experimentação para entender o experimento e avaliar a confiabilidade dos resultados bem como, permitir melhorias na troca de idéias com os pesquisadores, pelo uso de uma linguagem técnica adequada. Assim, a experimentação é importante para todo o profissional, ligado direta ou indiretamente à pesquisa (STORCK; LOPES; LÚCIO, 2004, p. 1).

Caros leitores e leitoras, nas oficinas de experimentação, havia o planejamento, que era partilhado com os participantes pela palavra, que nos provocava a produzir a partir da imagem ou texto. E era por meio da palavra, que as produções não se restringiam apenas a aspectos racionais do que nos propusemos a fazer, pois expressamos sentimentos e pensamentos através das palavras nos textos produzidos. Palavras estas que nos tocavam, em que era possível vislumbrar o poder delas, quando escritas e faladas, através da partilha das produções.

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. É isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver

com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso (LARROSA, 2002, p. 21)

Caros leitores e leitoras, para experimentar, é necessário que aprendamos a nos colocar diante de nós mesmos, entender o que nos passa e o que nos acontece. Quando recém-nascidos, o leite materno é o único alimento que conhecemos, o choro é a primeira forma de expressão que manifestamos ao sentir fome. Com o passar do tempo aprendemos a nos comunicar, e nos relacionar com o mundo, utilizamos as experiências que adquirimos no decorrer de nossa vida e passamos a nos expressar.

Mas, o que é experiência? Caros leitores e leitoras, segundo Larrosa (2002, p. 25): “A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova.”. E é a partir do que nós provamos e experimentamos que aprendemos a nos comunicar e a perceber o que nos passa, o que nos acontece. Inicialmente, nos comunicamos de muitas formas, através de expressões faciais, gestos, apontamos para o que queremos, e passamos com um tempo emitir sons, experimentando, e a partir disto, vamos percebendo que os sons diferentes podem fazer sentidos distintos para o grupo social que convivemos, e então, poucas palavras saem de forma sucinta, e vai tomando forma, quando percebe-se os sons já ecoam palavras, e assim vamos demonstrando sentimentos, e nos permitimos experimentar.

Com o passar do tempo, vamos desenvolvendo autonomia e começamos a escolher por meio das palavras e nos expressamos de maneira mais específica, passamos a demonstrar através das palavras nossos sentimentos, mediante as nossas experiências. Assim vamos entendendo a experimentação e avaliando com mais rapidez os resultados destas experiências, manejando as palavras.

Com o acúmulo de vivências, aprimoramos nossos sentidos, mediante as experiências que temos ao longo da vida. Escutamos sons diferentes, mudamos nossos gostos musicais; através do tato, tocamos objetos e selecionamos o que mais gostamos, estabelecendo nossos interesses e o que não temos afinidade. Assim, interagimos com o que está à nossa volta, observando o cotidiano de nossa família e outros espaços de socialização, as tecnologias, a TV. Aprendemos e guardamos essas informações, sensações e experiências em nossas memórias, o que promove nossa aprendizagem.

A memória é um dos mais importantes processos psicológicos, pois além de ser responsável pela nossa identidade pessoal e por guiar em maior ou menor grau nosso dia a dia, está relacionada a outras funções corticais igualmente importantes, tais como a função executiva e o aprendizado. Ainda que sem perceber, estamos fazendo uso desse importante recurso cognitivo a todo momento. Se entramos no carro para ir para a faculdade, temos necessariamente que nos lembrar para onde estamos indo.

Lembrar envolve diretamente a memória. Não fosse assim, estaríamos impossibilitados de chegar ao nosso destino. Não fosse a memória, sequer saberíamos que cursamos uma faculdade. (MOURÃO; FARIA, 2015, p.781-782).

Nesse sentido, compreendemos que a aprendizagem antecede a vida escolar, pois aprendemos nas atividades cotidianas que vivenciamos. Antes de falarmos e de sermos alfabetizados, nós já estamos inseridos no mundo da escrita, como bem destacam os autores a seguir.

As crianças e os adultos não-alfabetizados entram no mundo da escrita quando se deparam com textos lidos por outras pessoas, como ocorre no jornal televisivo, nas atividades em que os pais lêem livrinhos de história; nas situações em que um colega de trabalho lê as instruções de uma tarefa a ser executada, nos momentos em que a mãe lê e faz a receita de uma comida em casa, nas situações em que recebem cartas, cartões, ou até quando vêm o pai ou a mãe receberem correspondências. (LEAL; BRANDÃO, 2007, p. 14).

Porém, a escola é o espaço privilegiado de socialização de conceitos e códigos de nossa cultura letrada. Para muitas crianças, é na escola que se tem a primeira experiência fora do círculo familiar, em que se aprende a ler e entender melhor esse mundo da escrita, bem como a externar ideias e sentimentos através da escrita. “A atividade da escrita é então uma atividade interativa de expressão,[...] de manifestação verbal das idéias, informações, intenções, crenças ou sentimentos que queremos partilhar com alguém[...].” (ANTUNES, 2003, p. 45).

Ao longo da nossa vida escolar, aprendemos a organizar as ideias e as informações que já possuímos, através das experiências adquiridas, e agregamos outros conhecimentos, por meio de conteúdos da matemática, ciências, história, geografia, artes, educação física, língua portuguesa, apropriando-nos de conceitos de nossa cultura. Dessa maneira, o nosso campo de experimentação é potencializado, através da descoberta de outros conhecimentos, outras línguas, outras culturas e crenças que são adquiridas fora da sala de aula.

Na perspectiva freiriana, a educação deve ser concebida como um processo incessante, inquieto e, sobretudo, permanente de busca ao conhecimento, em oposição ao que o autor denominou de educação bancária, caracterizada pela transmissão acrítica e apolítica do conhecimento. A educação bancária assume o conhecimento. (FRANCISCO JR.; FERREIRA; HARTWIG, 2008, p. 35).

Em nosso processo de escolarização, podemos ter uma nova experiência existencial do mundo que nos rodeia, expandir os conhecimentos, escrever textos, conhecer o mundo de maneira diferente, assumindo novas formas de ler o mundo, usando as palavras de maneira diferente.

Ao ir escrevendo este texto, ia ‘tomando distância’ dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a ‘leitura’ do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem

sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da ‘palavramundo’. (FREIRE, 1989, p. 9).

Diante disto, entendemos que o campo de experimentação acontece de maneira diferente para cada pessoa. Estar atento às individualidades é extremamente importante na hora de desenvolver um trabalho pedagógico. No momento de aprendizado, é fundamental que este trabalho, não esteja voltado para imitação e reprodução dos conhecimentos adquiridos, é necessário fugir da educação bancária, educação que é pautada na reprodução e imitação em que os ideais da classe dominante prevalecem, tratando a educação “como uma doação dos que se julgam sábios” (FREIRE, 2005, p. 67). E a forma de se romper com esse paradigma é estar atento ao trabalho pedagógico, que é realizado dentro dos espaços escolares ou não escolares.

[...] o trabalho pedagógico orienta-se não em função da imitação, mas sim de criação coletiva de uma vida humana ‘supranatural’, cujo objetivo seria refundar o homem. Neste aspecto, o ensino assemelha-se não só à arte, mas à guerra. Não é harmônico. O criador sempre pertence à raça dos desconformes, eis porque a educação não pode se limitar à razão (TOASSA, 2013, p. 502-503).

Para se considerar a experimentação enquanto uma ferramenta no processo de ensino, é necessário se atentar ao trabalho pedagógico, que consiste em auxiliar os estudantes neste processo de interação com novos conhecimentos, de forma a oferecer condições de ensino que potencializem a aprendizagem, partindo do que acontece conosco no âmbito familiar e na educação escolarizada. A fim de possibilitar um maior aproveitamento dos estudos, é importante que o professor estruture o trabalho pedagógico, de forma que esteja voltado à construção de saberes de maneira coletiva e também individual, não se limitando à razão, pois a educação escolar e informal pode ser um espaço que promove uma criação livre, que explora a escrita literária mas que também pode limitar a promoção desta escrita libertadora, muitas vezes reprodutora e copiadora de textos. Ou seja, as instituições de ensino podem tanto estimular a fruição da escrita literária, como limitar essa capacidade criadora. Por isso devemos estar atentos ao trabalho pedagógico e aos estímulos de uma educação que não esteja voltada para reprodução, e imitação, mas que explore as individualidades presentes em cada sujeito.

Nesse sentido, destacamos um trecho de um texto produzido no II Ciclo de Oficinas, que afirma que:

O mundo repleto de vidas singulares, onde cada uma tem suas vivências e conceitos. Dentre diversas, existe uma agulha perdida em um palheiro. Onde não se encaixa no espaço em que vive mas não sabe onde é o seu verdadeiro destino. Em meio a tantos questionamentos procura se encaixar onde acha que pode ser seu lugar, seu jeito, e até seu pensamento. De tanto passar por lugares e mentes vazias para si, encontra-se atolada em um mar de anseios. Anseios esses que traz personalidades que não são

suas, formas, jeitos até sentimentos, mas, nada seu. Até que cansado de procurar se encaixar onde é vazio, onde não se consegue ser você mesmo, decide que irá se encontrar sozinho e da melhor forma: se conhecendo e respeitando que a importância não é, e nunca foi, se ‘encaixar’, é simplesmente ser você! Ser amado e feliz da forma que se você é. Essa é a real felicidade. (II CICLO, 2020, p. 4)

Essa reflexão expressa a compreensão de educação baseada nos princípios da experimentação e não na imitação. O nosso interesse de pesquisa se relaciona a valorizar não somente as experiências adquiridas de maneira individual, mas também as experiências vividas e compartilhadas de maneira coletiva, tanto na palavra escrita, quanto na falada.

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (LARROSA, 2002, p. 24-25).

Caros leitores e leitoras, entendemos que o processo criativo não se limita à razão, mas perpassa o campo objetivo. Dessa forma, avaliamos que as oficinas podem ser utilizadas como um recurso pedagógico, possíveis de serem desenvolvidas em diversas disciplinas e contextos educativos, pois somos seres históricos e aprendemos uns com os outros, socializando conhecimento, processo que nunca acaba.

Partindo da ideia de que o ser humano é histórico, portanto inacabado e inconcluso, proposta por Paulo Freire, os autores Francisco Junior, Ferreira e Hartwig (2008, p. 3-4) afirmam que:

Todos possuem um conhecimento que deve ser respeitado, mas, ao mesmo tempo, esse conhecimento está em constante superação, pronto para ser ultrapassado por um novo. Esse é o caráter histórico dos seres humanos e do conhecimento. Por isso que, numa pedagogia problematizadora, todos são seres inacabados, incompletos, imersos numa realidade histórica também inacabada. Resulta, assim, a necessidade de um processo ininterrupto de educação que considere os seres humanos como seres que “estão sendo”.

A forma como as oficinas foram organizadas se fundamenta na proposta de criação coletiva, em que cada participante tem um papel de criador, a cada encontro há a possibilidade de uma nova descoberta, uma constante troca de conhecimentos, imersos numa realidade estimulada em cada proposta, armazenada em nossas memórias.

Sobre o processo de armazenamento, podemos dividi-lo em três subprocessos, quais sejam: aquisição, consolidação e evocação. A aquisição diz respeito ao momento em que a informação chega até nosso sistema nervoso e se dá por meio das estruturas sensoriais, as quais transportam a informação recebida até o cérebro. O estímulo atinge os órgãos receptores, o qual, através dos nervos sensitivos, chega ao sistema nervoso central (MOURÃO; FARIA, 2015, p. 781).

A cada encontro os participantes eram provocados a produzir, tendo em vista que as oficinas estavam voltadas para criação e experimentação, com o compartilhamento de vivências, o que estimulava o ato de ler e escrever, partindo de diferentes perspectivas. Dessa forma, respeita-se a autonomia singular e única de cada sujeito, ao mesmo tempo que as interações e trocas intersubjetivas potencializam o processo criativo.

Assim, avaliamos que a experimentação pode ser uma metodologia para auxiliar os estudantes a aprimorarem a interpretação de textos, bem como a elaboração e criação de produções textuais, tanto na academia, quanto nas escolas ou em ambientes não escolares de educação. Esse recurso contribui com que os participantes se percebam leitores do mundo à sua volta, possibilitando um outro olhar para a realidade e, conseqüentemente, cria relações de ensino e aprendizagem mais profundas, além de potencializar a vivência da subjetividade e a interação com os demais. “Assim, juntos, re-criam criticamente o seu mundo: o que antes os absorvia, agora podem ver ao revés.” (FREIRE, 1987, p. 6).

A experimentação favorece o compartilhamento de conhecimento, potencializando a capacidade de criação e construção da identidade, uma vez que, ao criar, estamos desenvolvendo a palavra, aprendendo a expressar o que sentimos, a organizar as ideias e informações que obtemos através de nossas interações sociais. Mas, nem sempre as informações que são disponibilizadas por meio das ferramentas que possuímos, sejam elas as redes sociais, TV, internet entre tantos outros meios presentes no contexto social, possibilita-nos momentos de construção de experiência. O fato de estarmos conectados em constante rede de informações nos faz ter acesso a um mundo de possibilidades. Entretanto, não se absorve o que está posto, o conhecimento torna-se disperso. Conforme defende Bondía (2002, p. 21), “A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência”.

A prática das oficinas reforça o que nos ensina Larrosa (2002, p. 21): “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, nada nos acontece.”. E o autor continua “A experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar, nem ‘pré-ver’, nem ‘pré-dizer’” (LARROSA, 2002, p. 28).

Dessa forma, compreendemos que utilizar as experiências vividas e trazê-las por meio da escrita, utilizando a experimentação como um recurso pedagógico, traz um vasto campo de compartilhamento de conhecimentos. Entendemos o desenvolvimento da leitura e escrita

como um processo de troca de conhecimentos, percebendo como as nossas experiências refletem no que escrevemos, na forma como interpretamos o que está à nossa volta. Portanto, esse processo precisa ser significativo para quem aprende, não pode ser uma mera repetição mecânica, em que o aprendiz simplesmente copia, como defende Paulo Freire (1987).

Nesse sentido, a experimentação torna possível compartilhar o desconhecido, experienciar os desafios da leitura e da escrita, refletir sobre os sentidos das palavras no processo de ensino. Pois, a experiência de criar e socializar essa criação nos toca, como a palavra geradora (FREIRE, 1987), ler em voz alta a palavra escrita e falada nos afeta, possibilitando uma partilha que gera conhecimentos. Desse modo, partimos dos saberes que já conhecemos, para potencializá-los através deste processo de partilha da leitura e escrita que nos atravessa.

Caros leitores e leitoras, a experiência nos permite conhecer o novo. Portanto, estimular e direcionar esses processos de experiência é extremamente necessário para um bom desenvolvimento do processo de ensino e de compartilhamento de conhecimento. Consideramos que a experimentação proporciona uma abertura ao desconhecido aos participantes. Além disso, o processo de criação também possibilita a expressão de aspectos subjetivos, visto que “as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação”(LARROSA, 2002, p.20-21).

Pudemos observar esses processos nas oficinas, já que a proposta de escrita era autoral e livre, o que permitia que nossos sentimentos, vivências, emoções pudessem ser explorados, através dos estímulos trazidos pelos professores e convidados dos ciclos. Nesse sentido, não podíamos prever o que escrever, a escrita apenas fluía, iniciando-se por nossas emoções ao ver o que estava proposto. As palavras escritas e partilhadas refletiam os sentidos da realidade que cada participante estava inserido.

A nossa atividade criadora partia de nossa capacidade de criar, utilizando as palavras como uma ferramenta de construção. Afinal, nós, seres humanos, comunicamo-nos por meio da palavra de maneira escrita ou falada. Nossa atividade criadora dos ciclos de oficinas de leitura e escrita transformou as palavras em demonstração de sentimentos, de culturas e de saberes já cultivados em cada participante.

Baseamo-nos em Larrosa (2002, p. 21), quando ele expressa a potência criadora da palavra:

O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra. Por isso,

atividades como considerar as palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras etc. não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos.

De acordo com essa concepção, caros leitores e leitoras, usamos a palavra em tudo. O papel intersubjetivo da palavra possibilita a mediação entre aspectos de nossa subjetividade e a partilha experiências social e coletivamente. O desejo de entender o que se passa e acontece também pelo olhar do outro, de sentir ou tentar extrair, criar e até recriar a partir dos conhecimentos compartilhados, faz com que a ação criadora fuja da comodidade. Dessa forma, é necessário cuidar das palavras, pois, a palavra tem força, tem poder. Assim, ser estimulado a usá-la de diferentes formas atinge uma outra amplitude. Criar, partindo desta premissa, é algo que nos toca, que realmente acontece.

Vigotski (2014) afirma que a tendência à criação é inversamente proporcional à simplicidade do meio, ou seja, quanto mais complexo for o meio, quanto mais se exige do ser humano, mais ele tende a criar recursos internos e externos para responder às demandas do ambiente no qual está inserido.

Durante os ciclos, o contexto de isolamento social provocado pela pandemia, que todos estávamos passando pode ter favorecido que nossas emoções fossem afloradas e as criações potencializadas, visto que todos estavam fragilizados e as oficinas, funcionavam como um espaço, onde podíamos criar livremente. Infelizmente, o vírus ainda está presente neste ano de 2022, no período de conclusão desse trabalho.

Ainda segundo Vigostki (2014, p. 30), “na base de toda ação criadora está sempre subjacente a inadaptação a partir da qual surgem necessidades, aspirações e desejos”. Para se criar, tem que haver vontade de se criar, não tem como haver uma ação criadora sem desejo.

E este desejo pode ser estimulado em um contexto de experimentação. A vontade de criar era nítida em nossas produções, quando elaboramos os textos nas oficinas, estávamos expondo desejos e aspirações que já possuíamos: a necessidade de escutar e criar em coletividade, em um momento em que todos estávamos mais fragilizados, em decorrência da crise sanitária e da recomendação de afastamento social. Os processos desencadeados pelas oficinas possibilitaram externar alguns sentimentos, pois permitia a elaboração individual e coletiva de nossas inseguranças, medos e apreensões, que todos nós vivíamos naquele período.

A experimentação possibilita a partilha dos processos de ensino e aprendizagem, visto que todos aprendemos uns com os outros e, quando ocorre este processo, nós experienciamos. Segundo Freire “Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética” (FREIRE, 1987, p.13).

E partindo de como a experimentação possibilita a partilha de saberes, compartilharei com vocês os caminhos que me fizeram chegar até aqui.

3 CAMINHOS QUE ME FIZERAM CHEGAR AQUI

Caros leitores e leitoras, apresento a vocês agora os caminhos que trilhei e que me fizeram construir este trabalho. Inicialmente, fui motivada pelas minhas experiências de leitura e escrita, que me permitiram caminhar e me fizeram chegar até aqui, pelos conhecimentos e experiências que obtive na academia, que só me impulsionaram na escolha deste tema, a aprofundar o conhecimento da palavra e da importância que a mesma possui em nossas vidas, a procura por entender o papel transformador da leitura e da escrita.

As oficinas proporcionaram uma nova perspectiva da minha formação como eu-leitora e também construtora do texto, em que escrevo me colocando também como sujeito ativo e criador, muitas vezes, esforçando-me, retomando aspectos já vivenciados por mim na infância, pois, no momento de criação eu reviver e recriar momentos já vividos em momentos que não compreendia a palavra escrita, mas vivi e agora no momento de criação foi possível retomar e recriar a partir destes estímulos e recordar alguns momentos.

No esforço de retomar a infância distante, (...) buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia, permitam-me repetir, re-crio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. (FREIRE, 1989, p.10).

Minha relação com o mundo da leitura, caros leitores e leitoras, foi baseada no ensino escolar formal e na convivência familiar. Meus avós não sabiam ler a palavra escrita, embora lessem o mundo. Minha avó não sabia escrever nem o nome, somente aos 38 anos de idade aprendeu a assiná-lo, com muito esforço. Ela foi e sempre será fonte de inspiração para mim. Apesar da falta de acesso à escola que eles enfrentaram, incentivaram-me muito a estudar. Minha mãe concluiu o ensino fundamental na maior idade. Ela, juntamente a meus avós, trabalhou muito, então, não pode se dedicar aos estudos.

Eu era a única criança da casa. Fui criada com meus cinco tios, quatro mulheres e um homem. Nenhum deles possuem ensino superior. Alguns largaram os estudos sem finalizar a educação básica, outros concluíram o ensino médio.

Meu avô é agricultor, sustentando a família com o serviço da roça, só vinha na cidade aos finais de semana. Minha avó cuidava de um comércio que tínhamos, apesar de não ser alfabetizada era muito bem letrada. Sou filha de uma cabeleireira, por meio desta profissão ela pode me criar.

Minha leitura de mundo começou ali, nas histórias relatadas por meu avô e por meu tio e tias, das experiências vividas por eles e por conhecidos, lendas que se tornavam realidade, narrativas de sua busca por um futuro melhor, quando saíram da Bahia para o

maranhão, momentos vividos por eles nesta da trilha, na vida na roça em meio a dificuldade de locomoção, histórias sobrenaturais que aconteceram nestas fazendas. Pautadas no desejo de minha avó por aprender a ler, em acompanhar a sua felicidade quando passou a escrever o nome e não precisou mais colocar a digital.

Por conta desse histórico, assim que comecei a juntar as letras, passei a ler tudo o que via pela frente, os livros das minhas tias mais velhas, contos que eu via na escola, lidos por minhas professoras, letreiros em frente de lojas. Acostumei-me a ler tantas vitrines e anúncios de lojas, que até hoje faço isso quase sem perceber.

Caros leitores e leitoras, em toda minha trajetória como estudante, desde os anos iniciais até a graduação, sempre gostei de estudar história. Nas aulas de Língua Portuguesa, nos anos iniciais do ensino fundamental, o meu lado criativo era mais estimulado, com proposta de atividades que, por exemplo, propunham a criação de uma história com os personagens que eu quisesse, sendo que a minha professora pedia para que fossem dados nomes a eles. A partir dessas atividades, passei a colocar nome em tudo que via, criava histórias e mergulhava no mundo da minha imaginação. Porém, essa ação criativa foi bloqueada conforme os anos se passaram. As técnicas e as normas exigidas pelos professores para fazer resumos de textos, fizeram com que meu processo criativo fosse adormecido pela cobrança de que a escrita se limitasse ao que apenas estava exposto.

Apaixonei-me novamente pela leitura, na quinta série do ensino fundamental, quando fiquei de recuperação e um professor substituto me fez ler, juntamente com ele, sobre a carta magna e purgatório, conteúdo do livro de história que estávamos trabalhando. O professor começou a ler de uma maneira que eu podia mergulhar na história vivida, pelas pessoas na Idade Média, como se minha imaginação motivada pela leitura me fizesse estar ali, na história. A cada folha passada, a cada capítulo, um novo mundo era descoberto. Passei a ver a História de maneira diferente, tornando-se a minha disciplina favorita, pois foi despertado novamente o poder da leitura, pude ver a importância de se entender o que se passou no passado.

Após essas experiências, com as demandas da vida, fui me aproximando da leitura e escrita de outras formas, continuei conhecendo outras realidades possíveis a cada leitura. Apesar disso, não era estimulada a criar, a assumir uma postura crítica frente ao que lia, uma vez que as aulas enfatizavam o ensino de formas de se escrever um texto levando em consideração somente os aspectos técnicos da gramática, sem considerar a própria construção e criatividade do processo da escrita. Os textos que produzia na escola eram direcionados e limitados, servindo para reproduzir, copiar o que já existia. Até o ensino médio, esse modelo

se perpetuou, quando o nosso lado criativo foi mais explorado em algumas disciplinas, como redação.

Já na universidade, deparei-me com teóricos que me fizeram ver o mundo através de outras perspectivas, pude entender a história da escola no Brasil e compreender como conquistamos a duras penas a educação como direito de todos. Durkheim (1978), em “As Regras do Método Sociológico, foi um autor que me reconheci ao ler, já que me identifiquei com a forma como ele vê o indivíduo em sociedade, como os fatos sociais constituem as características individuais. Além disso, ele destaca a coercitividade que se constitui das regras impostas na sociedade ao qual pertencemos, sendo a gramática da língua um exemplo disso. Esses estudos me fizeram ter outra percepção sobre a vida em sociedade.

Também tive contato com o pensamento de Paulo Freire (1989, 1987), que discute a educação enquanto um ato político e a necessidade de formação de uma consciência crítica. Muitos outros autores estudados me fizeram expandir meus conhecimentos e ver o mundo de maneira diferente.

Caros leitores e leitoras, aprendi na universidade a ter mais criticidade, a buscar filtrar as informações e construir minha visão de mundo a partir dessas experiências. Minha formação é resultado das interações que obtive, está baseada nos caminhos pelos quais andei, as pessoas que compartilharam conhecimento comigo. Essas vivências me fazem eu ser quem sou.

Já havia vivenciado essa metodologia da experimentação como recurso pedagógico na disciplina Arte e Educação, ministrada pelo professor Rafael Caetano do Nascimento. Nela, ele nos estimulou a criar objetos inúteis, a partir da obra de Manoel de Barros, entre outras atividades voltadas para o campo da experimentação.

Nessa busca por experimentar, me propus a participar das oficinas. E foi em meio à pandemia, que o professor Felipe me convidou para participar de um ciclo de oficinas e eu aceitei. Eu nunca havia participado de uma oficina de leitura e escrita. quando participei do primeiro encontro, que aconteceu no dia 10 de agosto de 2020 e eu me apaixonei. Participei de todos os oito ciclos, sendo frequentadora assídua das oficinas.

Nas oficinas, pude reavivar as minhas primeiras experiências de criação de histórias, como as que vivi com a professora que me instigou a criar a história nos anos iniciais do ensino fundamental. Foi como se revivesse aquele momento. Há muito tempo não sentia minha imaginação falar por mim. Externar meus sentimentos através da escrita, de forma livre, fez aflorar o meu desejo de criar, de participar de cada encontro. Independente do meu

estado emocional, eu queria estar ali, partilhar. Nossos encontros virtuais fizeram eu me reconstruir como escritora e como criadora.

Foi necessário desconstruir a ideia de leitura e escrita que eu possuía, que foi formada pelos anos de educação tradicional nas escolas, para poder viabilizar o processo de criação nas oficinas e fazer emergir em mim novamente meu lado criativo, que estava, de certa forma, adormecido. Tudo isso aconteceu de maneira leve e processual, fui amadurecendo aos poucos.

Avalio que participar das oficinas repercutiu, inclusive, nas atividades acadêmicas. O estímulo criativo que as oficinas possuíam me ajudaram a fazer conexão com teóricos estudados e na articulação do meu pensamento com o que queria expor na escrita. As oficinas me estimularam a pensar mais rápido e organizar melhor os meus pensamentos no momento de externá-los, melhorando a minha escrita.

Os ciclos me possibilitaram muito mais do que aprimorar minha capacidade de ler e escrever, já que me fizeram reavaliar meu próprio processo de aprendizagem dentro da universidade. O meu olhar avaliativo perante as coisas que me cercam mudou, o que fez com que eu observasse sentimentos que estavam implícitos, estacionados nas veredas do tempo. As oficinas permitiram que eu entrasse em contato com a forma como o outro vê o mundo, o que resultou em um grande crescimento pessoal.

O olhar avaliativo, frente a fenômenos, situações, objetos e pessoas, vislumbra múltiplas dimensões. Olhares vários, além disso, expressam experiências, pensamentos, sentimentos e desejos, sempre de forma única, singular. Vemos sempre muitas coisas. Pessoas diferentes olham para o mundo de jeitos diferentes. (HOFFMANN, 2005, p. 1)

As oficinas me fizeram mudar meu olhar avaliativo, a forma de me relacionar e interagir com as pessoas. Saber que somos diferentes e, por isso, vemos o mundo de forma distinta, expandiu meu processo de interação social, tanto de maneira virtual, como presencial. Os ciclos me fizeram querer compartilhar o quão poderoso é este universo infinito da leitura e escrita.

Aprendi que a educação e a nossa imaginação, aliadas, podem nos levar a lugares maiores, que é possível ver a beleza da vida, experienciando e compartilhando sentimentos e, o mais importante, conhecimento. Pois, segundo Freire, “NINGUÉM EDUCA NINGUÉM, NINGUÉM EDUCA A SI MESMO, OS HOMENS SE EDUCAM ENTRE SI, MEDIATIZADOS PELO MUNDO” (FREIRE, 1970, p. 39). Compreendi que somos seres históricos e sociais, aprendemos uns com os outros, em sociedade.

São, portanto, os caminhos que percorri, cada pessoa que conheci, momentos experienciados, meu modo único de ver o mundo, que me fizeram chegar até aqui.

Transformo-me a cada experiência vivida, a cada pessoa que passou por mim, seja por teóricos que conheci através de suas obras ou pessoas que fizeram e as que ainda fazem parte do meu ciclo social, em uma constante troca intersubjetiva de conhecimentos.

Dessa forma, chego ao TCC. Fui movida por uma curiosidade em compreender os caminhos pelos quais os realizadores das oficinas, Professor Felipe Ferreira Joaquim e Professor Rafael Caetano do Nascimento, partiram para criação das oficinas, os conceitos e as fundamentações teóricas que os embasaram para a criação destes ciclos.

Vamos então anunciar o que foi desenvolvido nos ciclos, em nosso próximo capítulo. Caros leitores e leitoras, vamos experienciar sentimentos, palavras compartilhadas e produzidas mediante ao estímulo de uma escrita livre, da interação intersubjetiva de conhecimentos, momentos registrados e compartilhadas, através de cada palavra escrita e falada, produzidas pelos participantes dos oito ciclos em que tive o prazer de participar.

4 ANUNCIAÇÃO: uma nova descoberta a cada encontro

Vamos lá! Chegamos ao âmago deste trabalho, aqui será anunciado um pouco de nossas produções, no decorrer de nossos ciclos, bem como os resultados e discussões, que foram retratados neste trabalho. Buscamos socializar, nos limites que um trabalho como esse permite, os processos de experimentação, criatividade e interações intersubjetivas sentidas pelos participantes, transmitidas e compartilhadas através da leitura e escrita ao longo das oficinas.

Antes, faz-se necessário uma breve contextualização dos ciclos de oficinas. Os professores Felipe Joaquim e Rafael Nascimento já tinham realizado experiências dessa natureza em outras realidades, durante o curso de Pós-Graduação em Educação na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, em Rio Claro. Eles, junto a outros colegas, vivenciaram a experimentação e desenvolveram oficinas de escrita em diferentes contextos – educação prisional, eventos acadêmicos, escolas etc., com públicos variados também. Dessa forma, a AUETU!² foi criada, um movimento educativo pela afirmação da vida em suas múltiplas potências.

Em 2019, eles também realizaram um ciclo de oficinas de forma presencial, como uma ação de extensão da UFT de Tocantinópolis. Mas foi na pandemia que eles passaram a realizar as atividades de forma *on-line*.

Caros leitores e leitoras, espero poder transmitir um pouco do que foi essa experiência a partir da descrição e análise de elementos dos ciclos, tendo em vista o quão profunda e intensa ela foi para mim. Apresentar a vocês de uma maneira sistematizada e refletida como os ciclos nos acompanharam durante o período de sua realização. Além disso, ilustrar como a participação nesse projeto contribuiu em tornar a nossa percepção de mundo diferente, provocando mudanças a cada convite à escrita, cada imagem, sons, vídeos que entrávamos em contato nas oficinas. Os processos desencadeados pelos organizadores dos ciclos, Felipe Ferreira Joaquim e Rafael Caetano do Nascimento, contribuíram para mudar minha forma de ver o que estava posto, o que, dificilmente, seria percebido por mim, se não houvesse as provocações feitas por eles para as produções textuais.

Os organizadores abriam as inscrições na plataforma de eventos da UFT e em algumas edições a busca pelas inscrições foi maior que o número de vagas, sendo que as vagas oferecidas pelos organizadores foram preenchidas em menos de 24 horas do início do período

² De acordo com perfil do *Instagram* da AUETU! <https://instagram.com/auetu?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

de inscrições, o que pode indicar uma forte demanda por esse tipo de atividade. Em cada ciclo, o número de inscritos era de cerca de 20 pessoas, às vezes um pouco mais. Porém nem todas os participantes conseguiam participar de 70% dos encontros, por isso o número de certificados emitidos não era o mesmo do número de inscritos. Além disso, como eu, algumas pessoas participaram de mais de um ciclo de oficinas.

Durante os oito ciclos que foram ofertados na UFT, foi nítido para mim, como participante de todas as edições propostas, a importância de vivenciar e, de fato, experimentar o poder da leitura e da escrita como uma atividade social, cognitiva e de muita experimentação. Foram momentos de constante interação entre os participantes, muitas vezes, que não se conheciam fora daquele ambiente virtual. Mesmo estando longe fisicamente, visto que tinham pessoas de várias partes do Brasil, estávamos de certa forma conectados, lendo a visão do outro, sentindo a criação.

A dinâmica dos encontros variava. Em geral, no primeiro encontro, os convidados para aquele ciclo selecionavam três fotos e enviavam para os organizadores, que escolhiam uma delas. Durante a primeira oficina, todos os participantes eram convidados a fazer suas produções textuais, tendo a imagem escolhida como inspiração.

Em alguns encontros, nós líamos o texto escrito por nós, em outros, as produções eram compartilhadas aleatoriamente e os participantes liam o material produzido por outros participantes. Outras vezes, os textos tinham uma autoria coletiva, sendo partilhada pelos participantes.

E foi lendo e escutando que pude viver essa experiência incrível que foi as oficinas de experimentações e escrita. Experimentei um turbilhão de pensamentos que se interagem com diversos sentimentos, que foram potencializados durante a pandemia Covid-19 e externados a cada encontro e a cada ciclo, através da leitura e da escrita.

A partir de agora, vocês, caros leitores e leitoras, serão anunciadas as obras de arte que foram produzidas nestes oito ciclos. Serão anunciados a vocês os convites, algumas das imagens, algumas propostas, sons que serviram de inspiração para as produções escritas que foram realizadas.

Vamos, então, ao primeiro cartaz de divulgação, lembrando a vocês que este primeiro ciclo foi destinado apenas à comunidade UFT:



Cartaz de divulgação do I Ciclo de Oficinas 2020. Fonte: Imagem retirada grupo do Whatsapp

Caros leitores e leitoras, foi neste ciclo que o primeiro dos passos para construção deste objeto de estudo foi dado. O convite também me tocou. O que seria “escrita-acontecimento”? Foi o questionamento que fiz inicialmente ao ver este cartaz. Fiquei intrigada com as expressões: “experimentações entre escritas, imagens e sons”. Outro ponto que me chamou atenção foi a forma de divulgação que os organizadores faziam.

Este ciclo ocorreu de 10 à 27 de agosto de 2020, das 20h às 22h. As inscrições foram realizadas na plataforma de eventos da UFT, podíamos acessar através de um *link* divulgado pelos organizadores. Para acessá-la, era necessário realizar o cadastro na plataforma, caso fosse o primeiro acesso, com algumas informações pessoais, o que possibilitava a emissão da certificação, caso fossem cumpridas as exigências mínima de frequência nas atividades.

Nessa primeira experiência *on-line*, não houve convidados fora da instituição. Os organizadores conduziram e escolheram as imagens. Ocorreu uma interação incrível entre os participantes, os corpos, mesmo que distantes, pareciam conectados para além de uma tela de celular ou computador, via *Google Meet*.

Neste ciclo, como era restrito a estudantes e professores da instituição, houve 13 inscrições na plataforma. Entretanto, além dos organizadores, apenas cinco pessoas participaram de forma frequente dos encontros e receberam certificação, sendo eles quatro

estudantes do curso de pedagogia e um de educação física. Dos participantes, apenas eu estava no Maranhão, os demais estavam no Tocantins.

Apesar da distância física, todos estavam estiveram interligados por duas horas, através da leitura e escrita. Esta foi minha primeira experiência em uma oficina de leitura e escrita e foi muito significativa, caros leitores e leitoras. Essa oficina foi um ponto de partida para construção deste trabalho e me impulsionou a querer participar dos demais ciclos, já que a cada encontro uma nova descoberta poderia ser feita.

Nesse ciclo, foi possível observar pelas produções realizadas a intensidade dos encontros, que possibilitaram que os sentimentos se aflorassem em nossa imaginação e, quando externados através das palavras escritas e faladas, tocassem e atravessassem, já que são palavras que transmitem sentimentos.

Para tentar ilustrar o que digo, caros leitores e leitoras, compartilho um trecho de um dos textos produzidos em uma das oficinas, registrado no caderno do I Ciclo:

Ora, pois...

Eu não posso te dar nada disso, a saudade e o vazio hoje me consomem.
Andando em zig-zag e às vezes em círculos, penso como será (sobre)viver nesse vasto mundo, sem o seu sorriso para alegrar meus dias, sem suas brigas para me ajudar a seguir a linha.
Sem você.
Que é o que é e foi tudo o que pode ser por nós.

Por isso não te solto.
Seguimos nessa linha invisível do tempo
onde tudo (acon)tece e se encontra.
No arrebento das horas
Um coração que sangra e chora
por saber que nosso viver não é de agora.
O tempo é nossa morada
rasga o peito, sangra o coração
mostra a luz que acompanha nossa segurança e proteção.

Nesse meio termo entre a tristeza e a gratidão, devo agradecer pelas inúmeras formas de carinho, de cuidado e zelo. Você me mostrou e aprendi: hoje sei que sempre podemos nos encontrar nesse vermelho vibrante dos urucuns, onde vive a força do sangue, da doação e do amor.

Até breve. (I CICLO 2020, p.3)

Lembram da palavra que me chamou atenção? “Escrita-acontecimento”. Posso garantir que de fato estas oficinas foram o “ACONTECIMENTO”, que teve como uma das formas de vazão a palavra escrita. As oficinas, de fato, impactaram-me e me fizeram querer estar naquele momento de interação quantas vezes me fosse possível participar. Pois como podem ver na produção acima, a força que a palavra transmite, a experiência vivida pelo

participante que produziu esse texto, quando compartilhada através da palavra escrita, levanta um mundo de possibilidades tanto para o criador, quanto para o leitor e para o ouvinte.

Nesse encontro a pessoa que produziu o texto não o compartilhou por meio da palavra falada, enviamos a produção via *Whatsapp* para um dos organizadores, que compartilhou com os demais participantes, para que as escritas fossem lidas de maneira coletiva.

Esta foi a produção de um de nossos encontros, a cada oficina uma nova proposta, uma nova perspectiva de escrita, novas experiências adquiridas e compartilhadas. E assim aconteceu de forma contínua. Quando se encerrou este primeiro ciclo, o meu furor de criar a partir dessa metodologia só aumentava. O desejo não ficou apenas ali. Logo, os organizadores, Joaquim e Nascimento, surgiram com um novo convite. A seguir, temos a anunciação do que foi, caros leitores e leitoras, o segundo ciclo.

Vamos ao segundo ciclo de experimentações. Os organizadores fizeram um novo convite, contendo as fotos deles e do primeiro convidado, Daniel Mittmann, professor de filosofia e mestre em educação. A ilustração também foi bem diferente da primeira feita. Este ciclo de oficinas aconteceu do dia 10 ao dia 24 de setembro de 2020, com duração de duas horas, iniciando-se às 20h às 22h, via *Google Meet*.

2º CICLO DE OFICINAS
Experimentações entre escritas,
imagens e sons

Os professores do Curso
de Pedagogia
da UFT-Tocantinópolis

Felipe Joaquim Rafael Nascimento

convidam

Daniel Mittmann
(Professor de Filosofia e
Mestre em Educação)

Quintas-feiras
10, 17, 24 de Setembro
e 1º de Outubro
das 20h às 22h

*Certificado de 20h para quem
participar de todos os encontros

onde: Google Meet

inscrições: link na Bio
da AUETU! (@aetu) no
Instagram

**Público-alvo: professores, estudantes de licenciatura
e amantes da escrita em geral**

Realização:

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO TOCANTINS

AUETU!

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CE2fUsPHu4K/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

Lembrando a vocês, caros leitores e leitoras, que a partir deste ciclo, os encontros passaram a ser abertos para quem tivesse interesse em participar, contendo como público-alvo, professores, estudantes de licenciatura e amantes da escrita em geral. As inscrições ocorreram da mesma forma que no primeiro ciclo, pela plataforma de eventos da UFT.

Neste ciclo, houve 20 inscrições, segundo dados de registro, disponibilizados pelos organizadores dos ciclos, Joaquim e Nascimento. Destes inscritos, 8 participantes receberam certificação, por terem frequentado 70% das oficinas. Além disso, esta edição contou com participantes de vários estados do Brasil, como: Paraná; Minas Gerais; Tocantins e Maranhão, sendo eles estudantes de graduação, professores, mestres e doutores.

Sem mais delongas, vamos ver um pouco das produções que saíram deste ciclo. Como expliquei na introdução deste trabalho, os organizadores traziam várias propostas de experimentação para as oficinas de leitura e escrita, a cada encontro uma nova descoberta. Selecionei para demonstrar a vocês, caros leitores e leitoras, o primeiro encontro deste ciclo que ocorreu dia 10 de setembro de 2021, e teve como proposta elaborar um texto, a partir de uma imagem escolhida pelo convidado Daniel Mittmann. Antes do encontro, ele enviou três imagens para os organizadores, que selecionaram uma delas, sem que o convidado soubesse. Na oficina, todos os participantes, inclusive os organizadores e o convidado, eram provocados a produzir um texto a partir da imagem selecionada, sendo assim, o convidado também era surpreendido pela imagem selecionada. A imagem escolhida foi essa logo abaixo:



Fonte: <https://omunicipio.com.br/fusca-e-encontrado-dentro-mar-em-florianopolis/>

Caros leitores e leitoras, convido vocês a visualizarem esta imagem e se permitirem a ser tocado por ela. O que ela te provoca? Espero que tenha refletido e idealizado alguma coisa ao vê-la.

Seguem abaixo duas produções deste encontro. Posso dizer a vocês que foi impactante, escutar e ler cada palavra das produções realizadas a partir desta imagem. Foi desafiador selecionar apenas alguns textos, pois poderia escolher todas as produções que ainda seria pouco comparada a experiência que foi. Vamos lá!

O mar parece nos visitar de tempos em tempos Ela corre em câmera quase lenta até a beiradinha Molha as pontas dos pés O sal maresia morno entra pelas narinas e passeia pelo corpo Uma sudorese momentânea se esvai em gotas As águas costumam fazer mistura com ela Esse tanto de mar que acolhe os rios que chegam O que chega interessa O que vai interessa O movimento interessa Uma oceânica placenta de mundos outros, possíveis. (II CICLO, 2020, p.1)

Tudo tem um tempo para acontecer. Seguir o caminho do coração também tem um tempo para tudo florescer, assim como qualquer coisa que plantamos nessa vida, tem o tempo de sembrar, tem o tempo de cuidar e tem o tempo de colher. Muitas vezes sentindo a potência que estava viva dentro de mim me machuquei comparando a outras pessoas e naquele momento eu percebi quanta força estava tirando do meu próprio caminho, hoje entendo que precisava do meu tempo para limpar, abrir espaço e daí sim receber a força da minha potência. Olhamos uma parte do caminho do outro e não vemos o todo de como foi construída aquela experiência. Muitas vezes olhei o resultado e esqueci de ver que antes de aquilo estar ali, existiu todo um processo para acontecer. As vezes é deixar sim muitas coisas que amamos para traz, simplesmente porque amamos mais a nós mesmas. Quando comparei meu caminho, esqueci de ver a beleza que estava fluindo no mesmo, esperando resultados que chegaram no momento certo. É um trabalho intenso de confiar, é dar um passo quando sua mente quer dizer que você não pode mais caminhar. É soltar muito da vítima e agir também na força da razão. É não querer que o outro te veja, mas sim você se ver. Se tem segredo para seguir o caminho do coração?? (II CICLO, 2020, p.4)

E que potência, caros leitores e leitoras! Vamos agir agora na força da razão e, se possível, analisar essas obras de arte. O que foi essa construção de texto? Fico cada vez mais apaixonada pelo poder de expressão que a escrita nos possibilita.

Marcos Bagno (2002) diz que “*ler é outro modo de ouvir*” e posso afirmar a vocês que, ao ler este caderno, eu pude ouvir e me visualizar nele. Ver minhas próprias experiências e reavaliar a minha potência, visualizar o mar através da imagem e também da escrita.

Pode-se observar que as produções não seguem um padrão, você escreve o que te toca o que te acontece no momento em que vai criar, pode-se observar o quanto a escrita livre, mas bem direcionada através da proposta, provoca sentidos, traz as experiências vividas pelos autores dos textos produzidos, palavra que possuem força. Vamos seguir na nossa trilha de experimentação e experienciar uma nova descoberta, porque ainda temos muita coisa pra deslumbrar. Seguimos então para o terceiro convite:



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CHOO9pnWbP/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

Vamos lá para mais um encontro. Vou compartilhar com vocês, caros leitores e leitoras, nosso terceiro ciclo, o último do ano de 2020, que ocorreu de 26 de novembro a 3 de dezembro de 2020, via *Google Meet*. O horário passou a ser o mesmo do ciclo anterior e subsequentes, das 20h às 22h, às quintas-feiras.

Neste cartaz, os organizadores colocaram a foto da convidada, a Prof.ª Dr.ª Maria Rosa Camargo, docente da Faculdade de Educação da Unesp, de Rio Claro. O público-alvo era professores, estudantes de licenciatura e amantes da escrita. As inscrições também ocorreram pela plataforma de evento da UFT. Este ciclo teve 23 inscritos, de acordo com dos dados registrados pelos organizadores, destes, 13 receberam certificação de participação. Os participantes estavam em vários locais do Brasil como: Bahia, Paraná, São Paulo, Tocantins, Santa Catarina e Maranhão. Além disso, os participantes eram estudantes em processo de graduação, graduados com especialização, mestres e doutores.

A partir dessa edição, além dos textos produzidos nas oficinas, o caderno passou a apresentar as propostas-provocações à escrita. Vamos à proposta de um dos encontros, feita pelos organizadores para criação dos textos, que aconteceu no dia 26 de novembro:

1) Enviamos como material de referência: a) imagens e vídeos da peça ‘O cão sem plumas’ de Deborah Colker; b) a poesia de João Cabral de Melo Neto ‘O cão sem plumas’; c) o clip da música ‘Da lama ao caos’ de Chico Science e Nação Zumbi. 2) A partir deste material fazemos a seguinte proposta de escrita, em gênero textual livre: ‘O mundo e eu: um fazer entre matérias’. (III CICLO 2020, p.17)

As criações produzidas a partir dessa proposta provocou vários sentimentos e emoções muito intensas, de forma que só visualizando os textos para compreender. Vamos às produções:

Entre eu e o mundo: o Mistério.
Cabe o infinito neste entre. Não só de ordem material, mas uma miríade de sensações, interpretações, sentimentos, elucubrações...
Engana-se quem atribui apenas à espécie humana o direito a sentir. Ou você negaria com veemência que uma planta não possui a sua visão de mundo, particular? Ou um fungo, uma barata, uma pedra, a água?
São ilusões de grandeza de uma bacteriazinha com pretensões megalomaniacas. O homem criou Deus à sua imagem e semelhança.
Enfim... entre eu e o mundo, o Mistério, cujos indícios entrevemos num espelho. Gosto desta analogia. Um espelho que não reflete exatamente as mesmas formas, mas que age como a fina lâmina da superfície do rio. Que separa mundos distintos, que se complementam e agem um sobre o outro. Não existimos sem o outro. Eu sou o outro. Por meio da Linguagem. Entre mundos, a Existência. Nós, o Enredo. Quem? Não sabemos. O ato, em si, por si. (III CICLO, 2020, p.21).

Nem sempre é possível compor por palavras o espanto que é o encontro com o mundo. Ainda mais quando esse mundo se revela como se tivesse acabado de sair das mãos de quem o criou. Manoel de Barros é um criador de mundos. Por ele cheguei ao mundo-brejo do agroval e fui atravessada por uma comoção que me fez abrir em pranto. Descobri-me analfabeta em mundos outros por acreditar existir apenas este com quem me relaciono quando saída do ventre de minha mãe. Mas não. Desde Manoel que meus olhos passaram a reparar em mundo-planta, mundo-inseto, mundo-passarinho, em mundos. Desde Manoel que me construo humana em relação a. Não. Me construo humana junto a. Junto à planta, junto a inseto, junto a passarinho. Mundos. Construção um pouco capenga. Talhada de rachaduras. Sinto que Manoel quis me acompanhar nesta escrita. Intuo que ele sabe o abalo que sua criação causou. Olho para as coisas do mundo e penso na arraia que se doa como ventre à gestação de vida onde, aparentemente, nada respira. Não conheço o Rio Capibaribe. Pouco conheço dos rios-veias que percorrem o corpo-Terra. Mas leio o rio de João Cabral e me vejo diante de outra descoberta. Me coloco, assim, no entre rios. Rio-brejo-Manoel, Rio-lodo-João Cabral. Eu, que nada sei de rio e nada sei de nado, me lanço como a um feto no rio-ventre de uma mãe e me deixo gestar nesses dois rios-mundo. O que nascerá virá coberto da vida que se faz entre o brejo e o lodo dos poetas-deuses criadores de mundos. (III CICLO, 2020, p.23).

– Da vida eu não sei muita coisa, não sinhô
Sou Sebastião Caedo
Nasci na terra
Na terra fui criado
Quando criança a terra era brinquedo
Da lama a vida do menino
Quando adulto a terra era sustento
Da seca a dureza
- Minha mãe?
Minha mãe tinha cheiro de terra molhada da chuva
Cheiro bão...
Essa é uma das poucas lembranças que tenho dela
Sempre tão ocupada das cousas da vida

- Meu pai?
 Meu pai era homem da terra
 Debaixo de suas unhas sempre tinha terra
 Ele acordava antes do sol
 E trabalhava, debaixo do sol, a terra
 - Escrever e ler?
 Das letras eu não sei muita coisa, não sinhô
 Eu aprendi meu nome...
 A vida aqui não se faz de letras
 Faz de terra
 - O mundo?
 O mundo é um causo contado a imaginar-se
 A única coisa que me aperrenha a cabeça é o mar
 Eu queria ver o mar nesse mundão... (III CICLO, 2020, p.23)

Quantas reflexões feitas, a partir de nossa existência, caros leitores e leitoras! Deparar-me com este caderno de produções, fez-me admirar e ficar cada vez mais encantada pela força que o mundo da leitura e escrita possui nesta perspectiva libertadora. Um universo de possibilidades de criação, de interação com o mundo que em que estamos, as experiências que possuímos, o modo como experimentamos, como compartilhamos o que nos acontece, nossos conhecimentos. Afinal, somos seres históricos e sociais e aprendemos através do compartilhamento de conhecimento. O que foi essa partilha?! Não poderia ter sido melhor o último ciclo do ano de 2020, com toda esta intensidade de escrita. Apesar da Covid-19, conseguimos finalizar de forma muito intensa este ciclo.

Continuemos em nossa trilha de anunciação e de experimentação. O primeiro ciclo de 2021, nosso quarto ciclo, aconteceu do dia 21 de janeiro à 11 de fevereiro de 2021, das 20h às 22h, via *Google Meet*. O público-alvo foi estudantes de licenciatura, professores, artistas em geral e amantes da escrita. As inscrições deste IV ciclo até o VII ciclo aconteceram via formulário ao qual os inscritos preenchiam as informações, logo após os organizadores escreviam os inscritos na plataforma de eventos da UFT, contou com 26 inscritos, destes, 9 receberam certificado de participação, segundo levantamento de dados disponibilizado pelos organizadores. Participaram deste ciclo pessoas da Bahia; Maranhão; Tocantins; Paraná e São Paulo. Sobre o perfil dos participantes, haviam estudantes de graduação e graduados com especialização, também professores mestres e doutores.


Neste ciclo, nós tivemos duas convidadas Gizele Carneiro, professora de Língua Portuguesa, mestranda do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná – UFPR e Camila Jorge, atriz, palhaça, professora e mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e em Matemática da UFPR. Este ciclo teve como tema: “Um convite à escrita: travessias e travessuras”

4º Ciclo de Oficinas

"Um convite à escrita: travessias e travessuras"

Convidadas especiais

Gizele Carneiro
 Profa. de Língua Portuguesa.
 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFPR)




Camila Jorge
 Atriz, palhaça e professora.
 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (UFPR)


Quando
 Quintas-feira
 21, 28 de Janeiro
 4 e 11 de Fevereiro
 das 20h às 22h
 Certificado de 20 horas

Público-alvo
 Estudantes de licenciatura,
 Professores,
 Artistas em geral
 e amantes da escrita

Onde
 Google Meet



Realização



<https://www.instagram.com/p/CKFS508neho/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

Grandes foram as travessuras literárias que este ciclo rendeu. Para este ciclo, selecionei, no caderno do ciclo de oficinas, o segundo encontro que aconteceu no dia 28 de janeiro de 2021. A proposta-provocação feita pelos organizadores foi a seguinte:

Instruções para o próximo chamado.
 É teu corpo que chama. Tá ouvindo?
 Que escrita te toma?
 Quando desperta...
 Quando cozinha...
 Quando caminha do corredor ao quarto.
 Que escrita te toma?
 Quando prepara o chá...
 Quando corta a cebola...
 Quando está no banho...
 Quando está em uma reunião...
 Que escrita te toma?
 Quando a criança grita...
 Quando a notícia do jornal aperta...
 Quando os barulhos da vizinhança acontecem...
 Que escrita te toma?
 Quando a música bombástica toca na rádio...
 Quando recebe uma mensagem dela...
 Quando vê um gif...
 Quando a gatinha chega...
 Quando a pizza está amanhecida...

Que escrita te toma?

A proposta da semana consiste em dar atenção à escrita que surge em qualquer lugar, durante os dias que antecedem o próximo encontro. Observe como ela te toma ou, tome-a para si e escreva.

Ouçã seu corpo... o que ele diz? Como ele diz? Escreva.

Assim, em qualquer momento do dia, experimente deixar a escrita te atravessar. Aproxime a ponta da caneta no papel e permita a escrita correr por um tempo... a escrita escorrer... sem julgamentos. (VI CICLO, 2021, p.8)

Essa proposta de escrita traz a experimentação de maneira bastante instigante. Como exposto no Capítulo 3 desta pesquisa, estamos experimentando a todo momento, vivendo experiências a cada segundo de nossas vidas, o que acontece de forma quase imperceptível. Essa proposta de escrita me fez avaliar meu mundo de maneira diferente. Quando recebi a proposta via *Whatsapp*, passei a me perceber também como um objeto de estudo naquele momento, como respondia as experiências que me acompanhavam durante meus dias, coisas cotidianas como os sons que vinham da rua, as mensagens que trocava via internet, as notícias do mundo que não estavam nada bem no momento pandêmico. Essa proposta estimulou muito mais que o campo criativo, nas produções expostas logo abaixo, poderão observar, caros leitores e leitoras, o poder da palavra usada com este recurso metodológico, que é o campo extraordinário da experimentação.

Vamos lá às criações e a interação intersubjetiva de conhecimentos e sentimentos.

Antônio,

you é fruto da pandemia e infelizmente vai nascer ainda nela. Entre a esperança de ser gestante e profissional da educação, volto para o fim da fila quando você nascer, que será já-já. É a primeira vez que vou falar de política com você: o presidente não é o presidente que mamãe votou e talvez você nasça num ano de impeachment, assim como eu. Fernando roubou vidas e sonhos através do dinheiro, Jair rouba vidas negando fatos. Antônio, o mundo tá um caos e o país particularmente tá pior. Talvez você não aguente mais ouvir notícias e talvez reconheça o hino dos estados unidos antes mesmo do brasil. Talvez isso nada importe na tua primeira aula de história, essa é só uma vírgula na linha do tempo da nossa jovem democracia. Mas reverbera em mim, e espero que você não precise bater panela antes do ano que vem. A gente mal sai de casa e quando saímos, estamos paramentados. As pessoas nem chegam perto, mas acredite, tão pensando em você. Apesar disso tudo, papai montou um estúdio com a tia Fly. Tem flor em meio a pedras. Tem resistência econômica e emocional. Isso tudo para que você saiba o ambiente social e político em que vai nascer. A gente as vezes surta na bagunça das coisas, mas olho para tudo que está acontecendo e a grandiosidade dos nossos passos pensando em você. Nem sei se você um dia vai saber mensurar a loucura que está sendo a tua gestação. Quando você ler isso aqui, também vai ser uma vírgula na tua história. Para eu que estou te gestando e para o seu pai que está te esperando, é o começo de uma frase do fim de um parágrafo. Por aqui a esperança de dias melhores é latente.(IV CICLO, 2021, p.9)

Uma voz de mulher atende o telefone. Conforme a conversa vai se desenrolando imagino que esteja a falar com uma mulher de meia idade e quase que sem me dar conta do porque imagino-a branca. O tempo passa e me esqueço do ocorrido. No dia seguinte, por motivos que não vem ao caso, encontro a mulher pessoalmente. É aí

que começa a minha história com essa mulher quase que inimaginável pra mim e por isso mesmo fascinante... a mulher que me fez ter vontade de escrever sobre ela, escrever ela, ser escrita por ela, mesmo correndo o risco de, talvez, ser traída por uma ou outra palavra.. essa mulher que conheci ao acaso do cotidiano é uma mulher negra, de pele preta, com peitos grandes e formas arredondadas... aos meus olhos ela me pareceu uma mulher incrível. Era como se ela tivesse muitas histórias pra contar e muitas outras silenciadas. Quem é ela? E quem sou eu? O que a cor de nossa pele nos diz de nós mulheres? O que essa cor escreve em nossos corpos? E que escritas pode nossas cores encenar? É claro que não conversamos sobre isso, longe disso. Dela eu não sei nada e qualquer coisa que disser é uma simples invenção minha, e de mim? Não seria também uma invenção? Poderia começar sua historia assim: A secretaria negra de um medico branco - não pude deixar de reparar na pele clara dos braços do médico. Mas esse já não é o inicio de muitas outras historias que já conhecemos? Começo a achar difícil escrever sobre ela... mas não posso negar a presença forte que causou em mim. Não escolhi a palavra incrível por acaso. Bom! Penso que Eu ocupo pouco minha vida com a escrita... se assim não fosse, talvez já pudesse ter outros rabiscos dessa mulher e de mim... (IV CICLO, 2021, p.12)

Estou na cozinha.

Podia estar num banheiro, no quarto, num trem. Mas foi na cozinha que ela apareceu me chamando.

Entrou sem bater na porta, sem pedir convite, me tocando de corpo e alma e me deixando em

êxtase! Sem me julgar, sem fazer rodeios, convidando à uma entrega desnuda de mim mesma!

Chegou num momento em que eu não esperava, depois de um telefonema de uma amiga, com um

entusiasmo avassalador que rompeu-me a fronte, os ouvidos, ao coração... e exalou num sorriso

desconcertante, deste que concertam a gente, um encontro que não se imagina encontrar!

Desejei olhar para ela com maior carinho. Um tom mais íntimo, de maneira que me permitisse uma

entrega veemente de mim mesma, da cozinha fui ao quarto, olhei para a cadeira, para a cama, mas

escolhi a cadeira ao lado da escrivaninha.

Sentei-me, carregada de mim mesma, para despojar tudo que sou ali... ficando completamente nua!

Nuances de ídas e vindas, discorri meu braço guiado por ela, enquanto a cada instante era tomado por sua sensatez desconcertada, a embriagar-me com um vinho de 1830. Ó, eu não ficaria bêbado, mas desejei entregar-me inteiramente e deixar

que sua voz fosse falando baixinho aos meus ouvidos, mudando meus sentidos e domando a minha rebeldia.

A janela ao lado se abre, vivo o agora, pois a vida e tudo que me traz sentido de vida está aqui.

Me desnuda.

Me consola.

Me convida.

Traz de volta o tesão ao meu âmagô.

Ela está aqui e me convida a viver..E enquanto ela me acompanha, me guia, me doma a guiar tudo que sou. Escrevo.

Escrevo e trago os sentidos guardados para fora. E a escrita fica aqui, no que sou, na minha mente, em minhas entregas, na folha do papel que se abre a receber cada palavra, como espermas a fecundar um óvulo e na escrita, gerar vida! (IV CICLO, 2021, p.13)

Ao me deparar com este caderno, agora em 2022, já estamos quase no fim da pandemia, o uso da máscara já não é mais obrigatório em muitos lugares, volto-me ao

turbilhão de sentimentos que experimentei nesse segundo encontro deste quarto ciclo. As ansiedades, as inseguranças, os desafios e incertezas vividas no contexto de isolamento social permeiam os escritos e, ao mesmo tempo, essas palavras registradas no papel e compartilhadas nas leituras dos textos, ajudam na elaboração desses sentimentos, de forma a enfrentá-los coletivamente, refleti-los.

Caros leitores e leitoras, quão forte é o poder da escrita e que força tem essa possibilidade de externar o que está implícito! Compartilhar esta arte, esta criação é um presente que possuímos. Que produções foram essas?! Escritas que tocam, palavras que transbordam.

Continuemos na nossa trilha de anunciação, há muito para ser desvendado ainda. Nosso quinto ciclo, cujo tema foi “Lavar a palavra: experimentação com a escrita no cultivo da vida”, contou com os convidados Betinho, “vidente, Antônio, das geografias, das etnias, da irmandade de cada dia” e Luiza Bussius, “mãe, geógrafa, produtora de cacau, educadora e apreciadora de ler, escrever e dialogar”, conforme consta no cartaz. As oficinas aconteceram do dia 4 até 25 de março de 2021, das 20h às 22h, via *Google Meet*, com certificação de 20 horas de atividade.

O ciclo teve como público-alvo estudantes, professores, curiosos da escrita e interessados na proposta. Nesta edição, 29 pessoas se inscreveram e 12 receberam certificado de participação. Os participantes eram de São Paulo, Maranhão, Santa Catarina, Paraná e Tocantins, sendo estudantes de graduação, graduados com especialização, mestres e doutores.

V Ciclo de Oficinas

"Lavrando a palavra: experimentações com a escrita no cultivo da vida"

Convida:

Betinho, vivente, Antônio, das geografias, das poesias, das etnias, da irmandade de cada dia




Luiza Bussius, mãe, geógrafa, produtora de cacau, educadora e apreciadora de ler, escrever e dialogar

QUANDO: Quintas-feiras 4, 11, 18 e 25 de março das 20h às 22h
Certificado de 20h

PÚBLICO-ALVO: estudantes, professores/as, curiosos da escrita e interessados na proposta

ONDE: Google Meet

Realização




Fonte: <https://www.instagram.com/p/CLxC5zSH78K/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

Neste ciclo de oficinas, a experimentação com a escrita foi incrível. Escolhi compartilhar com vocês, caros leitores e leitoras, nosso quarto e último encontro deste ciclo, que aconteceu no dia 25 de março de 2021. A proposta que nos guiou durante a semana foi a seguinte: os organizadores, Felipe Joaquim e Rafael Nascimento, enviaram via *Whatsapp* no grupo do ciclo de oficinas, a proposta da semana, uma imagem (exposta logo abaixo), um poema, um link de uma música e um trecho de uma palestra para construirmos nossos textos.

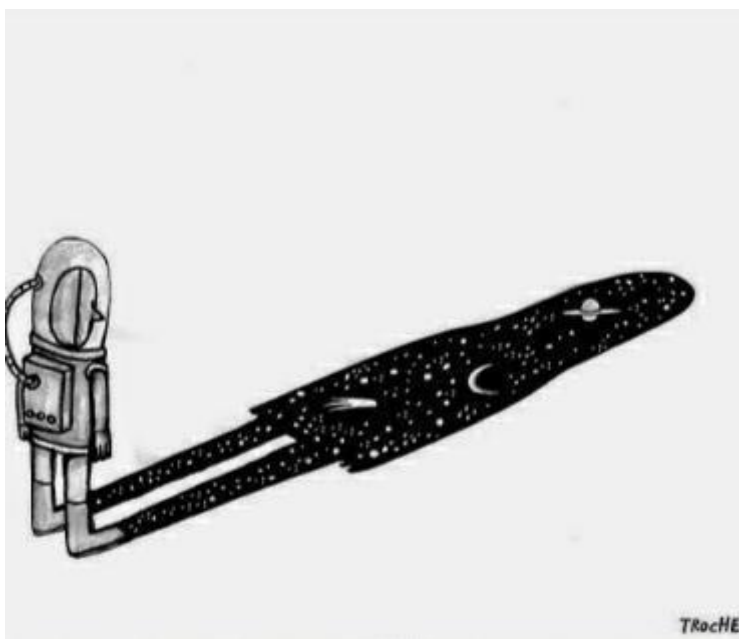
Uma proposta provocativa:

O que uma questão para o outro nos convoca a produzir?

Existem pontos de encontro entre as indagações alheias e as suas?

Um texto está sempre a responder alguma pergunta?

Converse com uma pessoa improvável, alguém que talvez não ousasse participar dessa oficina de escrita. Mergulhe numa jornada investigativa. Busque uma pergunta, uma curiosidade dessa pessoa (livre: trivial ou complexa, não importa). A partir de tal curiosidade, do enigma do outro, deste tão distante do grupo que tecemos, desenvolva seu próximo e último texto dessa oficina. (V CICLO, 2021, p.38)



Fonte: <http://lacaveatelierdaarte.blogspot.com/2015/01/os-desenho-invisiveis-de-troche.html>

As produções feitas, a partir destas provocações dos organizadores das oficinas, foram textos que encantam, que trazem a potência dos sentimentos através das palavras, perguntas que instigam, que provocam e que nos fazem refletir sobre sentimentos que ficam invisíveis aos olhos, mas, tornam-se claros quando externados através da escrita.

O texto está para responder uma pergunta? Ou a pergunta para exprimir respostas depois de provocar meus pensamentos?

Ofereci minhas palavras como alguém oferece o mundo. Era o que eu tinha de melhor, mesmo com falhas de conexão em alguns parágrafos, soltos sem razão, e as incongruências desconexas presentes na minha razão.

Eu quis consolar o coração pela dor da perda, da saudade, da distância. Mas ouvi com ingratidão que eu só tinha palavras. E toda vez, como em ciclos, eu ofereço palavras.

Fiquei com o sentido da razão confuso. Mas que razão é está que busca estabelecer, entre o ser, o conhecimento e o que sinto? Sentimentos são desenhos invisíveis que o ser humano pinta na alma de alguém a quem ama.

Cada vez mais, o homem busca conhecer o mundo em que habita: conheceram os sete mares, voaram além das nuvens, estabeleceram retas e paralelos meridionais, analisaram o rio, beberam na fonte, construíram paredes, estabeleceram editais para selecionar perfis aos quais consideraram

ideais. Mas o homem não aprendeu uma forma de olhar para outro homem como ser humano, semelhante, raça de tantos iguais. A própria raça.

Devaneios. Princípios? Desencontro que nos leva e me leva ao chão do nada. E de lá, me lembra, nos lembra, que nossa humanidade é feita de coletivos. E por isso, só posso ser inteira se quem estiver ao meu redor tiver a integridade de viver bem. Se do caos que o habita, que me habita, que te transforma, pudermos criar uma melodia a que possamos chamar de música. Poética do ser humano.

Encontros, desertos. Ser humano.

Nos desencontros que vivi ofereci minhas palavras como quem oferece o mundo. Elas foram ao chão, em vão. Mas, provocaram a recordar... sou um grão de areia na imensidão de mundos que existem. E o mundo em que habito estará na coexistência

do que somos. Somos seres indissociáveis, pessoas que se amando ou se odiando provocam uma explosão de sentimentos que ecoam, como uma explosão a contagiar a todos. Tudo, o que tendo sentidos, possa explicar este embaraço a que me encontro. (V CICLO, 2021, p.44).

Sufoca-me a ausência do tempo
 Falta-me o ar, o meu, o do outro...
 Preciso de tempo
 Preciso do outro
 Das palavras... dos diálogos mergulhados de sabor da vida
 Do respiro para além da dor.
 Convoca-me para a escrita
 Liberta-me. Liberta o menino que há em mim.
 Encontra-me nas palavras não ditas, das utopias, dos sonhos vindouros...
 Dos horizontes como convite ao encontro
 Com você, com o meu eu, com meus outros...
 Lance a vara da pescaria
 Pesca-me na alegria das palavras, das experiências experimentadas
 Dos sorrisos e das dores que ora me fazem perder de mim
 Perco-me nas riquezas decifradas daquilo que sou... Mergulho nos silêncios, mistérios reais do que sou.
 Sonha-me nos sobrevoos de um mestre aprendiz.
 Partilha-me como palavra do devir,
 Multiplicado nos milhares pedaços de mim.
 Quero-me na singeleza e na simplicidade do encontro
 Do pouco encontrado - das palavras resumidas com sentimentos profundos.
 Ama-me com o pouco que tens, com tudo que és.
 Atravessa-me em seu levantar, com o seu olhar que tem muito a revelar.
 Coloca-me em situações adversas...
 Permita-me passar pelas linhas não lidas, pelos pontos que ficaram ausentes...
 Planeje comigo as escritas que perpassem os meus sentimentos, as minhas histórias, as minhas diferentes vidas.
 Esperance-me com a sua presença
 Com o seu tempo.
 Sempre é tempo de mover-se.
 Mova-me.
 Mova-me para a escrita do livro da vida, de suas levezas... As dores, aprendi a vencê-las.
 Encontra-me no seu encontro, em suas reticências...
 Guia-me na aprendizagem da escrita.
 Deixe-me colocar na escrita, a sobrepor o meu eu entre os diferentes nós.
 Transforma-me, reverborando os voos de uma fênix
 No encontro de pessoas que somos.
 Pessoas que semeiam palavras.
 Não me permita sufocar. (V CICLO, 2021, p.51)

A escrita deste quinto ciclo de oficinas foi expressão pura de sentimentos, em que é possível perceber as inúmeras possibilidades da palavra, do encontro, da experimentação. Caros leitores e caras leitoras, espero que vocês estejam tão encantados como eu estou agora, novamente tomada de sentimentos, pelo poder da escrita que nos toma como uma fênix, que

nos faz renascer, mesmo com as adversidades e perdas. Uma escrita que é resistência, que é esperança, uma escrita que nos faz recordar, reviver e recriar.

Continuemos, então, caros leitores e leitoras, a reviver e recordar mais um ciclo dessa experiência incrível que foram nossos encontros. Vamos agora ao nosso sexto ciclo, cujo tema foi “Nas entrelinhas da ancestralidade: entre o eu, o nós e o tempo”. Este ciclo teve como convidado Maicon Valsechi, “facilitador em constelação familiar, advogado, licenciado em história, entusiasta em práticas espiritualistas” e Ingrid Zacarelli Brito, “doutoranda, pedagoga e mãe. Se atreve a costurar e a fazer moldes incertos da vida e do tempo, o tempo que nunca está perdido”.

O público-alvo deste ciclo foi estudantes, professores, curiosos da escrita e interessados na proposta. Os encontros aconteceram de 8 à 29 de abril de 2021 via *Google Meet*, às quintas-feiras e com certificação de 20 horas. Nesse ciclo 24 pessoas se inscreveram, destes, 14 receberam certificados de participação. Os participantes eram de: Santa Catarina, São Paulo, Maranhão, Tocantins, Paraná, Bahia e Mato Grosso do Sul. Dentre os participantes havia estudantes de graduação, graduados com especialização, professores, mestres e doutores.

VI Ciclo de Oficinas

Nas entrelinhas da ancestralidade:
entre o eu, o nós e o tempo

MAICON VALSECHI, facilitador em Constelação Familiar, advogado, licenciando em História, entusiasta em práticas espiritualistas.

INGRID ZACARELLI BRITO, doutoranda, pedagoga e mãe. Se atreve a costurar e a fazer moldes incertos da vida e do tempo, o tempo que nunca está perdido.

QUANDO: Quintas-feiras 8, 15, 22 e 29 de abril das 20h às 22h
Certificado de 20h

PÚBLICO-ALVO: estudantes, professores/as, curiosos da escrita e interessados na proposta

ONDE: Google Meet

Realização  

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CNLYfqTn7l2/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

Vamos seguir nas entrelinhas entre o eu, o nós e o tempo, que o VI Ciclo nos proporcionou, as produções elaboradas pelos participantes e mais um compartilhamento de experiências e interação intersubjetivas que tivemos a partir dos encontros.

Desta edição, selecionei para apresentar a vocês, caros leitores e leitoras, nosso segundo encontro, que ocorreu dia 15 de abril de 2021, e teve como proposta, a “Proposição de experimentação com a escrita”. Para tanto, os organizadores Joaquim e Nascimento mandaram um texto e algumas imagens que nos fizeram navegar pelo universo de nossas memórias. Deem uma olhada no convite-provocação à escrita:

Assim como pelo rio desloca-se com a canoa, no tempo se desloca com a palavra. **A palavra é a canoa do tempo.** (Bessa Freire - A canoa do tempo: tradição oral e memória indígena)

“Certo dia, ao sair do seu apartamento em Temple para apanhar um trem a fim de falar aos seus eleitores, pousou os olhos sobre um objeto notável meio escondido num desses pequenos canteiros de relva que costumam cercar a base de grandes edifícios públicos. Através das grades só conseguia tocar-lhe com a ponta da bengala; mas podia ver que era um pedaço de louça de uma forma excepcional, muito semelhante a uma estrela do mar — moldado, ou acidentalmente quebrado, em cinco irregulares mas bem acentuadas pontas. O colorido predominante era o azul, embora estrias ou manchas verdes recobrissem a cor, e laivos carmezim lhe dessem uma riqueza e um brilho dos mais atraentes. John estava resolvido a possuí-lo; mas quanto mais lhe tocava, mais o objeto recuava. Por fim viu-se forçado a voltar ao seu apartamento e a improvisar um laço de arame preso na bengala, com o qual, com muito cuidado e habilidade, conseguiu finalmente puxar o caco de louça até ao alcance da sua mão. Ao segurá-lo, teve uma exclamação triunfante. Nesse momento soou o relógio. Já não poderia mais chegar a tempo ao encontro marcado. A reunião foi realizada sem ele.

Mas como teria sido quebrado aquele pedaço de louça num formato tão singular? Um exame minucioso não deixou dúvidas de que a forma estelar era acidental, o que a tornava ainda mais estranha, e era pouco provável que existisse uma outra nas mesmas condições. Colocado sobre a lareira, no lado oposto ao do bloco de vidro que havia sido desenterrado da areia, parecia uma criatura de outro mundo — frágil e fantástica como um arlequim. Dava a impressão de estar a fazer piruetas pelo espaço, cintilando luz como uma estrela vacilante. O contraste entre a louça tão vívida e alerta, e o vidro tão mudo e contemplativo, fascinava-o e, entre intrigado e pasmo, ele perguntava a si mesmo como teriam chegado a existir aqueles dois objetos num mesmo mundo, e ainda mais em cima de uma mesma estreita prateleira de mármore no mesmo quarto. A pergunta ficava sem resposta.”

(Objetos Sólidos, Virginia Woolf)

Vou escrever do meu jeito

vou me compor na trivialidade dos objetos que me cercam

Às vezes imóveis, às vezes esquecidos..

Naquele velho porta retrato

Ou nas folhas que encontro pelo caminho

Vou escrever meio ao acaso

Ao acaso de quem se encontra consigo mesmo no cristal do tempo de um objeto qualquer. (VI CICLO, 2021, p.12)

O objeto, um barco a navegar pelo rio da memória.



Fonte: Caderno de produções VI CICLO.

Caros leitores e leitoras, em nosso segundo encontro do sexto ciclo de oficinas, nós navegamos por essa proposta durante a semana e embarcamos no universo de nossas memórias. Fomos estimulados pela proposta e pelos objetos expostos através das imagens compartilhadas em nosso grupo no *Whatsapp*. A partir deles, escrevemos. Vamos às produções.

Durante toda nossa trajetória atravessamos muitas portas. Portas abertas representam acessos, portas fechadas podem ser desafios, mas todas são passagens. Ao Vermos uma porta é possível ter certeza de 3 lugares diferentes, 3 momentos distintos: um aqui e agora, um de onde viemos e que nos trouxe até aqui e a possibilidade de um terceiro, logo ali na frente, do outro lado da próxima porta. Hoje estamos todos nós, atravessando um momento que balançou a nossa certeza da próxima porta, e que infelizmente tirou infinitas portas de um grande número de pessoas.

Como eu já havia dito, portas fechadas podem representar desafios, pois o objetivo é seguir em frente precisamos abri-las e depois atravessa-las para não pararmos no meio do caminho.

Todo mundo concordaria que se tivéssemos um mapa que nos fizesse conhecer o caminho por entre e além de cada porta seria menos cansativo andar por elas, pois sabendo o que tem por trás de cada uma e sabendo o que queremos não perderíamos tempo procurando chaves de portas que não nos levaria ao que nos desperta o desejo.

Mas conhecer de fato o caminho ou a ideia de um mapa é utópico. Mas sempre há um macete que nos possa ajudar.

Apesar de cada porta ser única e guardar momento e histórias, também únicas, algumas carregam semelhanças entre si. Saber observar o necessário de cada porta, saber identificar e ligar como, quando e onde cada porta se comunica com a outra é uma habilidade importante.

Outra dica sobre esse labirinto de portas é que ao atravessarmos por uma nova porta, a anterior passa a nos pertencer, e então podemos investir energia para organiza-la

como acharmos melhor, como uma estante que podemos dispor os objetos como bem entender.

Tudo isso eu vi no quadro com um retrato antigo ou numa lamparina acesa em uma estante por através de um portal que não tinha porta, mas uma cortina de contas (VI CICLO,2021, p.13).

Esse par de botas. Isso mesmo. Um par. Par de botas. Botas gastas, que trilharam tantos caminhos, já chegaram lá cansadas.

O couro ressecado foi de um marrom avermelhado, mas perdeu um pouco da cor a cada passo e, em algumas partes, mostrava-se mais descascado, em especial, nos pontapés e calcanhares. Agora, cor-de-burro-fugido, não indicava por onde tinha passado, mas insinuava que vinha de longe. Abrigou até ali dois pés de maneira razoavelmente confortável. Pés que não eram daquele lugar.

As costuras eram todas manuais e carregavam consigo as marcas de seu artesão. Talvez por isso que, depois de tanto tempo, os pontos ainda resistiam firmes.

Dava pra ver que as solas, feitas de pneu, não seguiam, assim, tão rentes aos pés. Ligeiramente descoladas, ameaçavam o risco de uma separação mais radical.

Os cadarços, de tanto atar-se-desatar-se, perderam as pontas. Então, na hora de calçar as botas, tinha que se tomar cuidado pra que as extremidades desfiadas não saíssem dos ilhoses. Além disso, o algodão original dos cordões estava roto. Os laços tinham que ser dados com força, mas insistiam em se desfazer ao longo da marcha.

As passadas deveriam ser dadas atentamente, evitando possíveis tropicções nos nós desfeitos ou escorregões resultantes das solas gastas.

Eram dias de muita chuva (e quando eu digo “muita”, me refiro ao sentido mais intenso que a palavra pode assumir). Era tanta água, que os passos se tornaram pesados pela lama, grudada nas solas, botas e pernas. E as meias, cada vez mais encharcadas, não tinham tempo pra recuperar o fôlego, afogavam-se esmagadas entre solado-e-pé.

Com o estio, cada vez mais breve, as formigas saíam dos seus abrigos subterrâneos alagados e emergiam à superfície, apegando-se aos chinelos, tênis e botas passantes. Por isso, percorrer os caminhos mais secos exigia atenção, pra evitar as mandíbulas ferozes das lava-pés. Esses ataques se tornaram menos frequentes, à medida que os temporais passaram a ser mais constantes. Mais água, mais lama e mais escorregões. Mais chão.

Os dedos dos pés, de tão úmidos, enrugaram-se. O couro molhado inchava, o que atribuía às botas cosidas artesanalmente um ar desforme. O razoável conforto dos calçados cedeu lugar a um incômodo, que se intensificava de acordo com o acúmulo de umidade, de lama, de fadiga, comprimindo os pés naquele espaço.

As botas que haviam calçado passos destemidos, seguiam com esperança, embora se arrastassem sem o mesmo vigor que as levaram até lá. Pesadas, percorriam trilhas, estradas, pistas, grotas, ruas, becos, vielas, matas, rodovias. Longos caminhos... Quanto chão!

De tanto pisar e despisar, esse revezamento que sustentava o corpo em danças, saltos, rodopios, caminhadas e desvarios, em ocupações e despejos, marchas e festas, em encontros calorosos e outros desastrosos, que abrigou pés quentes, por vezes, pés frios, enfrentava noites, dias, a fio, em momentos ébrios, tempos sóbrios, sombrios... pela vida... Tantas pegadas descuidadas, tropeços protegidos. Tanto chão!

Uma das solas despregando-se se decidiu definitivamente. Rompeu com aquele movimento. As ameaças se tornaram fatos. Houve resistência. O corpo da bota não quis se soltar da sola. Em alguns passos, a sola ficava ao chão, mas um pedaço de cola ainda a ligava ao pé caminhante. Essa luta persistiu uma, duas, três vezes. Até que ela se dobrou de tal modo que a união não foi mais possível. A sola que já havia sido pneu e rodado incessantemente, cansou de caminhar em passos lentos e restou estendida no chão molhado. A planta do pé nua tocou o solo encharcado. O chão! (VI CICLO, 2021, p. 14-15)

Neste encontro, navegamos no universo de nossas memórias, estimulados pelas imagens e pelos textos apresentados pelos organizadores, o que nos permitiu entrar, novamente, em portas já trilhadas, guardadas em lembranças. A escrita, mais uma vez, fez-nos reviver sentimentos, recordar o chão, os caminhos pelos quais trilhamos. As imagens nos tocaram e nos fizeram compartilhar através das palavras um mundo em nós, no outro e no tempo. Um tempo que jamais será esquecido nas águas infinitas da memória.

Continuemos no universo da memória e vamos juntamente comigo, caros leitores e leitoras, reviver o sétimo ciclo de oficinas. Estamos quase no fim de nossa trilha de anúncio, vamos aproveitar que o desfecho ainda não chegou e viver mais esta experiência.

O VII Ciclo de Oficinas, cujo tema foi “Envelhecer sem ser jovem? por uma escrita gagá”, teve como convidado o Marcelo Dante Pereira, “que parece geógrafo, tem cara de historiador, mas é pedagogo. Vê a educação como uma dor elegante para se chegar mais adiante”. Os encontros aconteceram via *Google meet*, às quintas-feiras, no período de 27 de maio à 17 de junho de 2021, com certificados de participação de 20 horas. O público-alvo se manteve o mesmo das propostas anteriores. Neste ciclo, 24 pessoas se inscreveram, sendo que 14 receberam certificado de participação. Os participantes eram da Bahia, São Paulo, Pará, Rio de Janeiro, Tocantins, Paraná, Mato Grosso e Maranhão. Dentre os participantes haviam, estudantes de graduação, graduados com especialização, professores mestres e doutores.

O cartaz de divulgação foi esse:

VII Ciclo de Oficinas

**Envelhecer sem ser jovem?
Por uma escrita gagá**

Marcelo Dante Pereira
Parece geógrafo, tem cara de historiador, mas é pedagogo. Vê a educação como uma dor elegante para se chegar mais adiante

INSCRIÇÕES: Link na bio da @auetu (Instagram) segunda às 18h

QUANDO: Quintas-feiras 27 de maio 3, 10, 17 de junho das 20h às 22h Certificado de 20h

ONDE: Google Meet

PÚBLICO-ALVO: estudantes, professores.as, curiosos.as da escrita e interessados.as na proposta

Realização  

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CPOnAQhN-i9/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

Caros leitores e leitoras, deste VII ciclo de oficinas, selecionei para anunciar a vocês, nosso primeiro encontro ocorrido no dia 27 de maio de 2021, que teve como proposta estimulativa a seguinte imagem, que foi nossa inspiração para produção textual livre:



Fonte: Fonte: Mail Online, Britain's oldest smoker dies just a month from her 103rd birthday,2010.<https://www.dailymail.co.uk/news/article-1303482/Oldest-smoker-dies-102-just-month-103rd-birthday.html>

Vamos então aos textos que esta imagem escolhida pelo convidado e selecionada pelos organizadores, fizeram-nos mergulhar, experimentar e viver.

100 motivos para celebrar, sem sombra de dúvidas comemorar. Afinal o que pensar quando o tempo passou? Muitos estão sem motivos para vibrar, eu tenho cem para brindar.

Quando a idade chega, a gente continua a sonhar, porque não?

É incrível envelhecer, mas em meio as boas lembranças a gente poder rejuvenescer. Momento bons te transporta para os anos vindouros, onde as dores nos nervos não faziam parte da rotina. Ah....

A dor até parece que vai embora. Quando os fios brancos começam a aparecer, se tenta driblá-los, ignorá-los, arranca-os, mas os danadinhos insistem em estarem sempre presentes.

De tão visível que eles ficam mesmo sendo poucos, se ainda se é jovem parece um martírio, meu Deus a idade chegou, e assim, se começa a envelhecer ainda jovem. Apesar de que há jovens que parece ter velhos, desde sempre. Quer dizer, ser velho é algo que as pessoas atribuem para aquilo que não serve mais. Simplesmente é horrível essa comparação, sigo envelhecendo agora não sendo mais jovem, daí quando as boas lembranças vêm, esqueço da idade que tenho.

Volto naquele tempo que ainda era criança, e a surge dentro de mim a mesma força que tinha naquele tempo para apagas as velas, e ainda tiro onda acendendo o meu cigarro, posso até envelhecer, mas meu espírito será sempre jovem. (VII CICLO, 2021, p.5)

Eita, perai!!! Vai derrubar cinza no bolo!! Não faz mal? Quem não mata engorda? Olhe lá, se avexe mulher! Miséria pouca é bobagem. Diacho! E se fosse bolo de criança? Tu não verias problema também? Pois então! Vá se arremedando! (...) Mas como é isso? Já está de partida?

Mulher, isso é hora? Venha cá, sente e tome mais uma xícara de café. A gente não sabe o dia de amanhã. Então vamos aproveitar que ainda é tempo, e vamos prosear! (...) Por acaso, você ficou sabendo do Toinho, filho da Ritinha, lá do Campinzal? Pois então, engravidou a rapariga! Se lascou! Também, quem manda procurar galho seco na fogueira? Conhece essa expressão não? Pois então, acabei de inventar! Sabe como é, são coisas da idade... (...) Mas hei, que é isso?! Tá cedo ainda! Não, não permito sua partida! Deixe disso! Aproveita e conta um pouco da Josiléia. Como ela está? (...) Como assim, não conhece Josélia nenhuma? Vosmicê não é Catarina, esposa do Zé do Vale, filha do Landim??? Eiiiiitaaaa lasqueraaaa!!! (VII CICLO, 2021, p.6)

100 ANOS DE uma vida

No primeiro ano das nossas vidas e nosso ano de aprender. Aprendemos a andar, a falar, a comer, a fazer amigos, a ler, escrever tudo isso na primeira infância. Depois vem a fase do testar, testamos tudo o que aprendemos na nossa adolescência, com a nossa rebeldia nossa vigor idade, enfim achamos que dominamos o mundo. Logo após isso vem à fase adulta, aonde vemos que tudo que aprendemos agora deve ser colocado em prática, são tantas coisas que nos exigidas que parecesse que esta fase nunca terá um fim! Então fomos uma família, temos filhos e viramos avôs... De repente me vejo nos 100 e quem sou eu? Eu sou aquela que viveu o inesperado quando podia que lutou por sua opinião, e se impôs perante uma sociedade. Eu sou aquela que construiu sua família e a ampliou o quanto pode para hoje ter alguém que queria ouvir suas histórias, eu sou aquela que lembra o passado com orgulho de uma juventude bem vivida e vê ainda em sua velhice um futuro e ser conquistado! (VII CICLO, 2021, p.7)

Essa imagem desta senhora fazendo cem primaveras nos fez refletir sobre a vida, mergulhar em sentimentos, vê-la com leveza. Esta senhora acendendo seu cigarro inspirou produções revigorantes, nos fez reviver histórias que estavam guardadas em nossas memórias, relatos da nossa própria existência, e lembrar o quão lindo é viver, experienciar esses momentos vividos da melhor forma que pudermos, cada ano celebrado é uma dádiva a se abraçar, pois a velhice é um futuro a ser conquistado, saber zelar do presente é uma dádiva que possuímos.

Caros leitores e leitoras, a seguir teremos o nosso último encontro desta trilha de anúncio dos ciclos. Ansiosos para o fim?

O oitavo ciclo se inicia aqui. Nossa última anúncio, deste trabalho incrível de compartilhamento de vivências, de interação e de experimentação. Nosso VIII Ciclo ocorreu no período de 24 de junho à 15 de julho de 2021, com tema “entre... escritas e cinema e arte e educação e...”, com convidado César Donizetti Leite, professor titular da UNESP – Rio Claro, coordenador do Grupo IMAGO, laboratório da imagem, experiência e criação. O público-alvo, dias, horário e plataforma de encontro permaneceram as mesmas das edições anteriores.

Neste ciclo, houve 27 pessoas inscritas, destas 21 receberam certificado de participação segundo dados disponibilizados pelos organizadores Joaquim e Nascimento, do Tocantins, São Paulo, Maranhão, Paraná, Bahia e Pará. Dentre os participantes haviam, estudantes de graduação, graduados com especialização, professores mestres e doutores.

VIII CICLO DE OFICINAS
 "entre... escritas e cinema e arte e educação e..."

convida: César Donizetti Leite
 Professor titular da UNESP- Rio Claro
 Coordenador do GRUPO IMAGO
 Laboratório da Imagem, Experiência e Criação

Público-alvo: professores, estudantes de licenciatura e amantes da escrita em geral

onde: Google Meet

Quintas-feiras
24 de Junho
e 1º, 8 e 15 de Julho
das 20h às 22h

***Certificado de 20h para quem participar de todos os encontros**

inscrições: link na Bio da AUE! (@aue!) no Instagram

Realização:

UFET
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

AUE!

Fonte: https://www.instagram.com/p/COZBkC5N_O4/?igshid=YmMyMTA2M2Y=

Caros leitores e leitoras, chegamos, então, ao nosso último encontro desta trilha de anunciação. Para este ciclo, selecionei o segundo encontro que ocorreu no dia 01 de julho de 2021. Esta proposta estimulou criações incríveis. A seguir, compartilho a proposta de escrita:

PROPOSTA DE ESCRITA

filme: La Sortie De l'Usine Lumière À Lyon, I (Louis Lumière | France, Lyon | 1895)

<https://www.youtube.com/watch?v=uPmG8ppUhSw>

“... o cinema seria somente a projeção, a reprodução de uma ilusão constante, universal? Como se tivéssemos sempre feito cinema sem saber?” (Gilles Deleuze, Cinema 1 - A imagem-movimento) MINUTO LUMIÈRE

“Rodar um plano é colocar-se no coração do ato cinematográfico, descobrir que toda a potência do cinema está no ato bruto de captar um minuto do mundo; é compreender, sobretudo que o mundo sempre nos surpreende; jamais corresponde completamente ao que esperamos ou prevemos, que ele tem frequentemente mais imaginação do que aquele que filma, e que o cinema é sempre mais forte do que os cineastas. Quando acompanhado por um adulto que respeita a emoção da criança, o ato aparentemente minúsculo de rodar um plano envolve não só a maravilhosa humildade que foi a dos irmãos Lumière, mas também a sacralidade que uma criança ou adolescente empresta a uma primeira vez levada a sério, tomada como uma experiência inaugural decisiva” (Alain Bergala, A hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola).

Proposta de escrita: Realizar a proposta de experimentação “Minuto Lumière” de Alain Bergala, que consiste em produzir um filme de 1 minuto, em plano aberto, com a câmera imóvel.

Recomendamos o uso do celular, em posição deitada. Na sequência, compor um texto a partir da experiência.

O vídeo e o texto devem ser encaminhados para o Felipe, no privado, até as 18h de quinta-feira.

Divirtam-se! (VIII CICLO,2021, p.11)

Essa proposta, me fez desacelerar, neste mundo tão intenso ao qual estamos. Escolher um lugar e filmá-lo durante um minuto, com câmera imóvel, foi um desafio para mim. No entanto, essa possibilidade me fez apreciar mais o momento, curtir a paisagem e pensar durante um minuto somente no meu campo de paisagem. E posso afirmar que as produções escritas e filmadas foram impactantes. Vamos lá para mais uma exposição dos textos produzidos na oficina e organizados por Joaquim e Nascimento. Desta vez, além da escrita, há uma imagem fotográfica retirada dos vídeos que provocaram a produção dos textos. Vamos lá!



Fonte: Imagem retirada do VIII caderno de produção do ciclo de oficinas.

Sobre o tempo e as ansiedades e as chegadas e as partidas.

Sobre o novo, que segue sendo igual.

As águas do rio escorrem cálidas, embebidas de muita história. Cada gota rebelde celebrou a vida e a morte de apinajés, de guerrilheiras, de Josimos, de Luíses Carlos, de gente que não tinha onde cair morta e outros que mataram por dinheiro e poder...

Todo dia se recomeça na alvorada que colore generosamente o leito e o céu de alaranjado-rosa, no tec-tec dos barcos, nos cafés açucarados à beira rio, no esperar sem fim da balsa que tarda.

Então, o sol impera inclemente sobre as águas, sobre as vidas, sobre tudo.

O dia e o tempo correm lentos e profundos nessa correnteza que não cessa. O escorregar do rio carrega o que vê pela frente. Galhadas, pedras, areias roladas formam ilhas, oásis ao contrário em meio à massa úmida.

Nessas interinas e móveis ilhas, de amontoados de areia e ressentimentos, represa-se e se dá vazão. O rio carrega o que não serve mais e o que ainda presta, leva embora o bem-querer, traz de volta a mal-querença, num movimento tímido e fugaz de vai-e-vem, que vai pra além, pro fundo...

Para orientar os navegantes e rogar pelos afogados, Nossa Senhora abençoa lá de cima. Suas sandálias e seu manto já foram cobertos pela cheia. Mesmo assim, ela ancora na praia, em proteção.

Nas beiras, crianças se banham, enquanto adultos arriscam peixes ausentes, contidos pela barragem acolá.

Os babaçuais se douram com o cair da tarde. O rio que tudo arrasta, cujas margens o oprimem, tem forma de resistência. Em seu curso: a violência de represas, do progresso, de despejos e de boiadas que passam a revelar - projetos e dejetos. As dores, suores, lágrimas e silêncios se diluem nas espumas de sabão das lavadeiras, nas pequenas manchas cintilantes do óleo que escapa dos motores e nas danças coreografadas das quadrilhas dali.

Nesse amálgama, é possível escutar os primeiros tecladinhos que embalam o arrebol. São sons de cá e de lá, misturados numa zoadá atordoada. As mesas são dispostas pouco a pouco, para sediar a noite de prosas, cervejas, músicas e encontros ao luar.

Agora é a vez da lua resplandecer com seu reflexo fluvial. Em noites sem ela, as luzes do outro lado ornamentam o fluxo escorregante.

As águas serpenteiam os segredos da Boiuna, com seus olhos faiscantes e sedutores. Ao ritmo da pisadinha, a vida flui embriagada. A alegria é, por vezes, entrecortada por brigas, ciúmes e feminicídios.

Nada que o rio não tenha visto.

No quase raiar do dia, os foliões mais ousados se despendem. Alguns se refrescam e vão-se embora.

No silêncio, é possível ouvir a sabedoria do rolar das águas, ora mais revoltas, ora mais serenas...

O corre-corre entr'águas faz brotar e afogar as mágoas, as esperanças, os lamentos, os amores e as ilusões...

O rio flui margeado e margeando a primeira, a segunda, a terceira e todas as outras margens que o compõe. O seu leito se enche e míngua como a lua, como nós, num ciclo interminável que um dia finda.

De onde se nasce até onde se foz, por vazantes, assoreamentos, repressões - caminhos cavados no fluir de tudo, o rio afogado persiste em seus mistérios, resignado, em tormenta.

O rio, o rio, o rio... (VIII CICLO, 2021, p. 12-13)



Fonte: Imagem retirada do VIII caderno de produção do ciclo de oficinas.

A maré da vida:

A maré vem e vai, não importa se você está bem, se não está, ela vem e vai, as vezes com mais

força, as vezes mais calma, a lua, o sol, a chuva, o vento interferem nela, mas ela vem e vai, a maré é

como as coisas na vida, principalmente aquelas que não sabemos lidar, ela sempre virá e não há nada que

possamos fazer para impedir. Quando achamos que conseguimos nos livrar ela volta com mais força, é

preciso entender que não temos controle. Os grãos de areia me acalmam, eles me entendem, são muitos e

a muito tempo vem lidando com a maré, eram conchas, rochas, carapaças e hoje são grãos de areia ao

sabor da maré sem se importar com o movimento, sem se importar se serão levados contra sua vontade,

adaptam-se, ao mar, a mim, aos meus pés. Tem dias que o mar está calmo, a maré vem despercebida com

tranquilidade, outros dias o mar está selvagem e ela vem nervosa chamando a atenção de tudo o que está

a sua volta. Uma brisa fria se faz presente, um típico dia de inverno, o sol entre nuvens aquece pouco e a

maré vem e vai. O movimento é constante, sem ondas, aqui ondas são raras, aparecem quando a maré

está brava mesmo, ondas constantes aqui só na garganta, se reparar dá até para ver no fundo, bem lá no

fundo. Mesmo depois de muito tempo aqui ainda é o paraíso, fecho os olhos e imagino como seria sem nós, sem humanos, sem os prédios que impedem o sol de aquecer, sem a família que deixa seu lixo sem se importar, sem a rede de pesca que não deixa nadar, a mais pura e bela Mata Atlântica e toda sua riqueza. Estou deste lado e olhando para frente vejo o outro lado entre nós o mar, não é difícil atravessar, tem ponte, tem barco, tem prancha, tem braço, o que nos separa é o que nos une, o mar. Respiro fundo a maresia me toma, o som do mar me conforta, limpa a minha alma, soluciona os problemas, poderia ficar aqui sem ter hora para voltar, queria ser areia que lida com tudo sem se importar, a maré vem e vai e eu não ligo mais, a maré sou eu, eu sou o mar.

O mar fala:

Estou sempre falando, mas poucos realmente me ouvem, venho aqui falar tudo aquilo que está engasgado já faz um tempo. Abrindo minha garganta brava e cheia de ondas para dizer o quanto me magoa a forma como você me trata. Nunca está preocupado como eu estou, como eu me sinto, só pensa em tirar sua foto bonita para colocar nas redes sociais. Assim eu vejo você egoísta e cheio de óleos, cremes e protetores que protegem você e colocam todos os meus em risco, sem falar no lixo, quanto lixo, venho carregando por mares, praias, ilhas, oceanos a fora o seu lixo que não sai de mim. Quem mora aqui comigo não sabe o que é seu lixo, confundem-se com comida, se engasgam e eu mais do que engasgado ainda estou aqui para pedir que vá embora, que não apreça nunca mais, não quero saber nem das suas ongs, nem da sua ciência, suas soluções não solucionam nada aqui. Lutamos diariamente para sobreviver no caos que você criou. Aqui onde você construiu um porto entram em mim e falam que nojo, está sujo como se a culpa fosse minha. Estou cansado de ser seu mar, sua praia, sua vida não é a vida que nós queremos viver, digo por mim e por todos que aqui vivem. Essa pandemia foi uma pausa para nós, ficamos “livres” de vocês por um tempo e mesmo que tenha sido pouco tempo todos aqui em casa ficaram felizes por vocês ficarem nas suas casas e não aqui, a pandemia te deixou mal? Nós ficamos muito bem obrigado, faz o seguinte pega seu legado e vai sujar outro lugar, eu sim, é que sou o mar, aprende a escutar, triste será o dia em que eu me calar. Ah sabe o poeta? O poeta do mar? Vicente de Carvalho vocês são tão patéticos que colocaram a estátua do meu poeta de costas para mim, ele está até curvado, triste, olhando para baixo, o poeta do mar olha para uma avenida cheia de buzinas e piadas, e o nome da “balada” está em inglês o meu poeta olha para uma festa que foi você quem fez, mas deveria estar olhando para mim, simples assim.

Mar.lar

Vindo aqui para causar, quem disse que eu não ia rimar, sem pestanejar, quem fala aqui é o mar Se acham os inteligentes, se dizem até gentes,

eu sendo sua enchente,
 organismo vivente
 sabe como é
 simplesmente maré
 o normal aqui mané
 fluindo por todos os cantos
 eu tenho muitos encantos
 garganta aberta canto
 você com espanto
 escolheu o caminho errado
 meu filho nem tanto
 está desgarrado
 e agora na minha casa quer ficar
 respeita eu sou o mar
 estou aqui faz tempo
 mesmo você não querendo
 vim para ficar
 gosto de você meu filho
 não te desejo exílio
 nem podia desejar
 só pare para pensar
 nos seus irmãos
 você só a lavar suas mãos
 sujas e sem sentimento
 fique na sua casa
 respeita meu lamento
 se for vir para me sujar
 mesmo não querendo
 vou ter que te expulsar
 fazer você chorar
 até se lembrar
 que seu pai é o mar. (VIII CICLO, 2021, p.18-19)

O rio e o mar podem servir de exemplos para indicar o movimento das criações, o fluir das palavras, que escorrem sentimentos e ajudam a organizar as narrativas. Por isso, participar das oficinas e compartilhar a experimentação foi tão importante.

Vale destacar que essa foi a última edição de ciclos realizados como ação de extensão vinculada à UFT. Após esse ciclo, o contrato de trabalho dos professores organizadores com a instituição foi finalizado e eles continuaram realizando as oficinas de outras formas. Atualmente, os organizadores realizam o 11º ciclo de oficinas, levando a escrita livre para os quatro cantos do país, através das redes de internet.

Ao longo dessas oito edições, 186 pessoas se inscreveram nos ciclos, oriundas das cinco regiões do Brasil, 96 certificados de participação foram emitidos, 10 convidados participaram das oficinas, propondo temas e referenciais diferentes para inspirar a escrita. Através da internet, os ciclos tiveram um amplo alcance, envolvendo estudantes, profissionais de diversas áreas e pessoas diferentes, nesse encontro-acontecimento de experimentação.

Caros leitores e leitoras, o esforço desse trabalho em ilustrar um pouco do que foram os ciclos se encerra aqui. Espero com isso ter evidenciado a importância dos ciclos de oficina,

bem como a potencialidade do estímulo de uma escrita baseada na experimentação como um recurso metodológico, através das propostas de produções, das imagens que as provocaram.

Trata-se de alguns exemplos de textos que foram escritos a partir das oficinas e foi difícil selecioná-los, pois cada produção traz consigo uma importância, reflete o que cada pessoa estava vivendo naquele momento. Esperamos ter demonstrado a potência que foram as produções de textos criadas e compartilhadas com vocês neste capítulo. Nas produções realizadas, pode-se notar a importância de uma escrita livre, do mundo de possibilidades que a experimentação possibilita, a autonomia de criação sem repetição ou reprodução e o quanto esta autonomia na criação traz a capacidade de “re-criação”, “re-vivência”, descrita por Paulo Freire (1989), no processo de leitura da palavra-mundo. Recriar e reviver momentos já experienciados pelos participantes foi o que também pode-se notar. Cada participante e cada convidado trazia consigo suas experiências e suas individualidades próprias, essas especificidades estão presentes no modo de criação de cada texto produzido e compartilhado.

Caros leitores e leitoras, toda essa experiência contribuiu na minha formação como ser humano, pois a partir dela eu pude rever conceitos e mudar a forma como me relaciono com as pessoas que estão a minha volta, olhando com mais empatia as individualidades de cada sujeito. A experimentação, como vimos no decorrer deste trabalho, é um processo contínuo, estamos experimentando a todo momento. E através das vivências que obtive nos ciclos de leitura e escrita, pude desenvolver um olhar mais aprimorado e passei a sentir essas experiências através de outra perspectiva.

As oficinas permitiram que eu avançasse em um processo de autoconhecimento. Passei a observar a maioria das experiências que vivo no decorrer de meu cotidiano e minhas relações interpessoais de maneira diferente, experienciando novas descobertas através de outras perspectivas.

Como educadora e pedagoga, que deseja compartilhar conhecimentos e auxiliar no processo de aprendizado de meus educandos, a experiência nos ciclos de oficina e escrita moldou minha identidade. Prezo muito mais agora pela realidade ao qual os alunos estão inseridos. As experiências que os mesmos já possuem passaram a ser o meu ponto de partida, em que me oriento, para proporcionar aos meus educandos autonomia para criar, para investigar e praticar o autoconhecimento. Além disso, o respeito pela diversidade existente em cada indivíduo é o que quero prezar como educadora.

Utilizar a experimentação como um recurso pedagógico é transformador. A palavra, caros leitores e leitoras, como vimos neste trabalho, é força, resistência, transformação. O poder das palavras escritas e faladas mudou minha realidade, a palavra perpassa o campo da

razão, ela transmite, é um acontecimento. Ela nos faz ser quem somos e nos faz nos relacionar com o mundo que está à nossa volta. A palavra é a criação de possibilidades e realidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caros leitores e leitoras, ao longo do desenvolvimento deste trabalho sobre os ciclos de oficinas de experimentação, leitura e escrita, pode-se notar a força da palavra escrita e falada, o poder da palavra, e o uso da experimentação como um recurso pedagógico, para mediação e orientação de uma escrita libertadora, uma escrita que provoca sentimentos, uma escrita que estimula a criatividade. A minha participação nos ciclos de oficinas realizados no período de emergência sanitária, em decorrência da pandemia de Covid-19, ajudou-me no estímulo do processo criativo e na troca intersubjetiva de conhecimentos, visto que as oficinas tiveram um aspecto de interação social muito grande. Essa troca constante se tornou, inclusive, um momento de compartilhamento de conhecimento e de emoções, em função do contexto em que as oficinas foram desenvolvidas. Assim, as incertezas dos aspectos sociais que enfrentávamos puderam ser compartilhadas e sentidas coletivamente.

As oficinas foram uma forma de liberar minhas emoções. Avalio que a possibilidade de sentir o outro, experienciar o encontro, de forma virtual, todas as quintas-feiras, permitiam que estivesse por duas horas imersa no ciclo, concentrando-me apenas na socialização, na entrega de cada participante. Cada pessoa diferente uma das outras, com vivências de mundo distintas, em localidades diversas, mas que, naquele momento, estava conectada não só pela internet, mas de fato interligada àquele pela experiência.

Observou-se, caros leitores e leitoras, que ao provocar uma escrita livre, os aspectos criativos foram potencializados, mediante aos estímulos propostos pelos organizadores dos ciclos. As oficinas, tendo a experimentação como um recurso pedagógico, contribuíram para melhoria no desenvolvimento do meu processo de aprendizagem, impulsionando criações, que me tocaram. Nesse sentido, pude verificar o que Larossa (2002) afirma, que a experiência, de fato, ultrapassa o campo da razão. O poder da palavra foi mostrado em cada letra, em cada compartilhamento, seja de conhecimento ou de sentimentos. A interação intersubjetiva entre os participantes das oficinas foi algo incrível de experienciar.

Com isso, verificamos durante este trabalho a importância de se usar a experimentação como um recurso pedagógico, uma vez que ela pode auxiliar no estímulo da criatividade, numa melhor interpretação do mundo que nos rodeia, além de apontar para um mundo de possibilidades que as palavras possuem. Nesse sentido, podemos afirmar que ao experimentar a criação de um texto de forma livre, expressamos aspectos que vão além de uma simples produção textual, deixamos expostos, caros leitores e leitoras, nossos sentimentos, medos e desejos. Assim, compartilhar nossos escritos com os sujeitos participantes das oficinas,

possibilitou um melhor desenvolvimento do processo de elaboração do que estávamos sentindo e de criação literária, como pode ser observado nos textos destacados ao longo deste trabalho.

Portanto, caros leitores e leitoras, partir da experimentação como um recurso pedagógico significa ir além de uma educação mecânica, ela possibilita uma criação criativa e transformadora, tanto do contexto social vivido, quanto nos aspectos intersubjetivos de conhecimento. Registrar esses conhecimentos por meio das palavras escritas e faladas, faz com que o processo de experiência seja compartilhado com os demais sujeitos, proporcionando o desenvolvimento de um novo conhecimento.

Nesse sentido, avalio que ainda é preciso desenvolver mais estudos e formas de divulgação sobre o caráter pedagógico da experimentação, a fim que a experiência esteja mais presente nos planejamentos das aulas e de outros espaços educativos, possibilitando a troca e a construção coletiva de conhecimentos, conforme nos ensina Paulo Freire (1987). Enquanto educadora das séries iniciais do ensino fundamental em uma escola particular a qual leciono, em uma sala multisseriada, apliquei uma das atividades realizadas em uma oficina, e propus aos alunos que escrevessem um texto a partir da imagem do fusca, e recitei um dos textos produzidos como forma de estímulo, em uma aula de produção textual. E, caros leitores e leitoras, as produções, foram incríveis. Sendo assim, a experimentação vivenciada por mim nestes oito ciclos de oficinas de leitura e escrita, resultou em transformações em minha prática pedagógica, enquanto educadora.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontros e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. (p. 39-100).
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. N° 19, 2002 (p. 20-28).
- CLANDININ, D. Jean; CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- DURKHEIM, Emile. O que é fato social. **As regras do método sociológico**, v. 6, 1978.
- FRANCISCO JR, Wilmo E.; FERREIRA, Luiz Henrique; HARTWING, Dácio Rodney. Experimentação problematizadora: aula de ciências. **Química nova na Escola**, v.30, n. 4, p. 34-41, 2008.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17a. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- HOFFMANN, Jussara. **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- LEAL, Telma Ferraz; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. **Produção de textos na escola: reflexões e práticas no Ensino Fundamental**. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p.45-63.
- MOURÃO, Carlos Alberto Júnior; FARIA, Nicole Costa. **Memória**. Psicologia: Reflexão e Crítica [online]. 2015, v. 28, n. 4 [Acessado 11 Junho 2022] , pp. 780-788. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528416>>. ISSN 1678-7153. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528416>.
- NASCIMENTO, R. C.; JOAQUIM, F. F.; RUIDIAZ, P. A. Ateliê com(+)posições: um convite à escrita de si entre si. **Anais do VIII Colóquio Internacional de Filosofia e Educação**. Rio de Janeiro, 2016.
- PESSOA, Fernando. (2005). **Poesia completa de Alberto Caieiro**. São Paulo: Companhia das Letras.
- PRODUÇÃO COLETIVA. **I Ciclo de Oficina**. Experimentação entre escritas, imagens e sons, 2020 (documento não publicado).
- PRODUÇÃO COLETIVA. **II Ciclo de Oficina**. Experimentação entre escritas, imagens e sons, 2020 (documento não publicado).

PRODUÇÃO COLETIVA. **III Ciclo de Oficina**. Experimentação entre escritas, imagens e sons, 2020 (documento não publicado).

PRODUÇÃO COLETIVA. **VI Ciclo de Oficina**. Um convite à escrita: travessias e travessuras, 2021 (documento não publicado).

PRODUÇÃO COLETIVA. **V Ciclo de Oficina**. Lavrar a palavra: experimentações com a escrita no cultivo da vida, 2021 (documento não publicado).

PRODUÇÃO COLETIVA. **VI Ciclo de Oficina**. Nas entrelinhas da ancestralidade: entre o eu, o nós e o tempo, 2021 (documento não publicado).

PRODUÇÃO COLETIVA. **VII Ciclo de Oficina**. Envelhecer sem ser jovem? por uma escrita gagá, 2021 (documento não publicado).

PRODUÇÃO COLETIVA. **VIII Ciclo de Oficina**, entre... escritas e cinema e arte e educação e, 2021 (documento não publicado).

SAHAGOFF, Ana Paula. Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. **XI Semana de Extensão, pesquisa e pós-graduação–SEPesq**. Centro Universitário Ritter dos Reis, 2015.

STORCK, Lindolfo; LOPES, Sidinei José; LÚCIO, Alessandro Dal'Col. **Experimentação II**. Santa Maria: UFSM, CCR, Departamento de Fitotecnia, v. 205, 1997.

TOASSA, Gisele. Certa Unidade no Sincrético: considerações sobre educação, reeducação e formação de professores na 'psicologia pedagógica' de L. S. Vygotsky. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 18, n. 3, p. 497-505, jul./set. 2013.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Imaginação e Criatividade na Infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.